

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Daniela Costa da Silva

A PERSUASÃO EM ARTIGOS DE OPINIÃO
Um Enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

São Paulo
2014

Daniela Costa da Silva

A PERSUASÃO EM ARTIGOS DE OPINIÃO
Um Enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, como exigência parcial para obtenção do
título de MESTRE em Linguística Aplicada e
Estudos da Linguagem.

Orientadora: Doutora Sumiko Nishitani Ikeda

São Paulo
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

São Paulo, 30 de janeiro de 2015.

FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA, Daniela Costa da, A Persuasão em Artigos de Opinião: Um Enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional. São Paulo: s.n., 2015.

Dissertação de Mestrado: Pontifícia Universidade Católica

Área de Concentração: Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Orientadora: Sumiko Nishitani Ikeda

Palavras-Chave: Persuasão. Artigo de Opinião. Modos Textuais. Avaliatividade Explícita e Implícita. Gramática Sistêmico-Funcional

Daniela Costa da Silva

A PERSUASÃO EM ARTIGOS DE OPINIÃO
Um Enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional

Profª. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda (Orientadora) – PUC-SP

Profª. Dra. Flamínia Manzano Moreira Lodovici – PUC-SP

Profª. Dra. Elizabeth Del Nero Sobrinha - FMU

São Paulo, 30 de janeiro de 2015.

*Dedico esta dissertação a Deus, à minha família,
à minha orientadora e aos meus amigos que
sempre me apoiaram.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, que me deu energias para trabalhar, estudar e superar obstáculos de naturezas diversas durante todo este tempo.

Não sei como expressar gratidão aos meus pais: Ivanildo Gomes da Silva e Mariléa Costa da Silva, que sempre acreditaram em meu potencial e me apoiaram financeira e emocionalmente, dando-me força e incentivo rumo à minha caminhada ao conhecimento acadêmico. Eles são testemunhas de todo o meu esforço e dedicação.

Aos meus queridos irmãos, Luciane e Daniel, pelo carinho e respeito às minhas escolhas.

À minha Orientadora, Professora Doutora Sumiko Nishitani Ikeda pelas orientações e ensinamentos.

Aos professores que fizeram parte da minha banca de qualificação: Professora Doutora Elizabeth Del Nero e Professor Doutor Marcelo Saparas. As contribuições foram extremamente importantes para os ajustes da minha pesquisa.

Aos professores do curso, por todo o saber e experiência profissionais que compartilharam em sala de aula.

Agradeço aos professores da banca de defesa pela atenção e pela oportunidade de aprendizado com os comentários e as perguntas feitas.

Às minhas amigas Viviane Cunha, Mônica de Cássia Teixeira e Thaís Amanda Teixeira pelo auxílio valioso na formatação do meu trabalho e pelo carinho.

Ao meu colega de trabalho Doutor Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira pelas preciosas sugestões de conteúdo na minha dissertação, antes do depósito, um dos momentos mais angustiantes da dissertação.

Aos funcionários do LAEL, em especial, à Maria Lúcia, pelo constante auxílio e paciência em momentos por vezes complicados.

À Capes e à PUC-SP, pela concessão da bolsa de estudos por quase dois anos de mestrado. É uma honra ter sido merecedora de tal investimento, que viabilizou o aprofundamento teórico e prático desta pesquisa.

*"Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão."*
(Paulo Freire, 1987)

RESUMO

O ato de argumentar, de orientar o discurso no sentido de persuadir o interlocutor constitui o ato linguístico fundamental. O objetivo deste estudo é a comparação de dois artigos de opinião e o exame da persuasão que percorre dois estilos distintos daquele gênero, em textos escritos por Roberto Pompeu de Toledo, da *Revista Veja*, e por Bárbara Gancia, do jornal *Folha de São Paulo*. Para tanto, a persuasão - seja via convicção, seja via sedução - apoia-se em três modos textuais – narração, descrição e argumentação. O argumento vale-se da narração e da descrição, que tratam de afirmações verificáveis, para tentar garantir a veracidade das declarações de que lança mão. Por outro lado, a persuasão apoia-se na avaliação de fatos e de pessoas. Por esta razão, recorre-se à noção de Avaliatividade (Martin, 2000), por meio da qual os escritores expressam ideologias subjacentes e convidam os leitores a se alinharem com suas opiniões. A análise, de cunho crítico, tem o apoio da Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 2004), que abriga a Linguística Crítica além da Avaliatividade. A pesquisa deverá responder às seguintes perguntas: (a) Como se constitui a estrutura de gênero em termos dos modos textuais, nos textos de Toledo e de Gancia? (b) Que tipo de persuasão - por convicção ou por sedução - prevalece nos textos de Toledo e de Gancia? (c) Qual é a contribuição da Avaliatividade para a realização da persuasão nesses textos? A pesquisa mostra que embora Bárbara Gancia e Pompeu de Toledo tenham escrito sobre o mesmo tema - a renúncia de Bento XVI - as críticas à situação são apresentadas de forma distinta. Gancia deprecia a Instituição Igreja por meio de seus representantes. Já Toledo, critica a figura do Papa, e por contiguidade, a Igreja.

Palavras-chave: Persuasão. Artigo de Opinião. Modos textuais. Avaliatividade Explícita e Implícita. Gramática Sistêmico-Funcional.

ABSTRACT

The act of arguing, guiding discourse in order to persuade the interlocutor, constitutes a fundamental linguistic act. This study aims to compare two opinion articles—one by *Roberto Pompeu de Toledo*, from *Veja Magazine*, and one by *Bárbara Gancia*, from *Folha de São Paulo News*—to examine their persuasion style. Persuasion, either via conviction or via seduction, is based on three rhetorical modes: narration, description and argumentation. Arguments can draw on narration and description to cope with verifiable statements to ensure the veracity of the information that the argument makes use of. Persuasion, on the other hand, is based on the evaluation of facts and people. For this reason, I turn to the notion of Appraisal (Martin, 2000) through which writers express underlying ideologies and invite readers to agree with their opinion. The critical analysis to be carried out will be supported by Systemic Functional-Grammar (Halliday, 2004), encompassing both Critical Linguists and Appraisal. The research seeks to answer the following questions: (a) How is the genre structure formed in the rhetorical modes in Gancia's and Toledo's texts? (b) What kind of persuasion style—conviction or seduction—prevails in each text? (c) What is the contribution of Appraisal to the construction of persuasion in these texts? The research shows that, although Bárbara Gancia and Pompeu de Toledo wrote about the same theme—Pope Benedict XVI's resignation—, their criticism towards the situation is presented in different ways: Gancia deprecates the Church through their representatives whereas Toledo criticizes the image of the Pope, and, by extension, the Church.

Keywords: Persuasion. Opinion Article. Rhetorical Modes. Implicit and Explicit Appraisal. Systemic Functional Grammar.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Funções da fala e respostas	07
Quadro 2 - Oferecimento e pedido de informação e de bens & serviços	07
Quadro 3 - MODALIDADE (entre sim e não).....	08
Quadro 4 - Mood e Resíduo	08
Quadro 5 - Tempo primário e Modalidade	09
Quadro 6 - Estrutura do Resíduo	10
Quadro 7 - Exemplos de Avaliatividade	11
Quadro 8 - Recursos de Avaliatividade	12
Quadro 9 - Atitude	13
Quadro 10 - O compromisso	13
Quadro 11 - Tipos de Avaliatividade	14
Quadro 12 - Redundância	15
Quadro 13 - As metarrelações	18
Quadro 14 - Os modos textuais	21
Quadro 15 - Modelo de argumento	23
Quadro 16 - Resumo das teorias apresentadas	35
Quadro 17 - Código para a análise	42
Quadro 18 - A argumentação em Bento, o Arregão	48
Quadro 19 - A argumentação em A arte de ser "ex"	67

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	01
1	APOIO TEÓRICO	05
1.1	A Gramática Sistêmico-Funcional	05
1.2	A Avaliatividade	10
1.2.1	A Avaliatividade e a prosódia	16
1.2.1.1	<i>Fazendo uma leitura relacional</i>	17
1.2.1.2	<i>Avaliação Implícita</i>	18
1.3	Língua e contexto	19
1.4	Gêneros e Modos Textuais	20
1.5	O Modelo de Toulmin	22
1.6	Argumentação e persuasão	24
1.6.1	A persuasão: convicção e sedução	25
1.7	A metáfora e a persuasão	26
1.7.1	A metáfora conceitual/universal e a metáfora cultural	29
1.8	Ironia	32
1.9.	Vozes	34
2	METODOLOGIA	36
2.1	Dados	36
2.2	Procedimentos de Análise	38
3	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	41
3.1	Análise de Gênero de Bento, O Arregão, de Bárbara Gancia	41
3.1.1	Bento, O Arregão: Análise dos Estágios e Finalidades de Gênero	42
3.1.1.1	<i>Discussão geral</i>	48
3.1.2	Bento, O Arregão: Análise da Modalidade e da Avaliatividade	49
3.1.2.1	<i>Discussão geral</i>	57
3.2	A arte de ser "ex" de Roberto Pompeu de Toledo	59
3.2.1	A arte de ser "ex": Análise dos Estágios e da Modalidade de Gênero	60
3.2.1.1	<i>Discussão geral</i>	66
3.2.2	A arte de ser "ex": Análise da Modalidade e da Avaliatividade	67
3.2.2.1	<i>Discussão geral</i>	77
3.3	Comparação entre os dois artigos	78
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
	REFERÊNCIAS	81

A PERSUASÃO EM ARTIGOS DE OPINIÃO: Um Enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional

INTRODUÇÃO

A dificuldade de comunicação escrita do aluno, em especial a redação do texto argumentativo, esteve sempre presente no discurso de professores e pesquisadores da área da educação. A escola preocupa-se em proporcionar ao discente a capacidade de, por meio da palavra escrita, defender seu próprio ponto de vista, fato associado ao exercício pleno da cidadania. "O estudante deve ser considerado como produtor de textos, aquele que é entendido pelo que escreve e que o constitui como ser humano" (Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN - do Ensino Médio, 2000).

Esta pesquisa teve origem na curiosidade e no interesse em entender o texto argumentativo, sobretudo o artigo de opinião de jornais e revistas. Observa-se, recorrentemente, na correção de redações de vestibulares, que os candidatos apresentam dificuldades na composição de seus textos. Por outro lado, há, na solicitação desses exames, uma indefinição quanto aos termos “dissertação” e “argumentação”, como no exemplo, a seguir, na prova de redação da FUVEST 2013:

Redija uma **dissertação** em prosa, na qual você interprete e discuta a mensagem contida no anúncio, considerando os aspectos mencionados no parágrafo anterior, e, se quiser, também outros aspectos que julgue relevantes. Procure **argumentar** de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o assunto. [negritos da autora]

Como notam Cereja e Magalhães, pede-se a redação de uma “dissertação”, quando, na verdade, pela natureza polêmica dos temas, o que se espera do candidato é um texto “dissertativo-argumentativo”. A propósito, Vigner (1988) prefere o termo “ensaio”, que será adotado nesta pesquisa, para abordar esse tipo de gênero textual que, segundo ele, permanece “ligado a uma época e a um certo tipo de ensino” (1988, p. 110)

Ainda nesse contexto, Porta (2002) faz algumas distinções que são próprias

para quem vai examinar um ensaio. Com relação à diferença entre dissertação e argumentação, o autor assevera que tanto dissertar quanto descrever um fenômeno são fatores decisivos para a solução de questões. Ambos desempenham papel preponderante em inúmeros sentidos; o que não pode acontecer é eliminar o conflito enquanto tal (uma tese filosófica ficaria assim reduzida à uma mera descrição). Descrever um fenômeno não resolve adversidades. A tese é uma solução ao problema e implica em fazer uma escolha em que outras opções são desconsideradas. Ocorre que, às vezes, há várias respostas igualmente "pertinentes" para o mesmo questionamento. Por que, então, o filósofo opta por uma e não por outra? É aqui que o ato de argumentar desempenha um papel crucial. O que legitima a opção por uma determinada tese são os argumentos.

A propósito, diz Koch (2011, p.19) argumentar, orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, "constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia". Não há neutralidade discursiva, pois toda ação verbal é dotada de intencionalidade, tentativas de fazer o outro compartilhar das ideias e opiniões do escritor. Diante disso, a distinção outrora feita entre dissertação e argumentação deixa de fazer sentido, conforme Koch (2011). Aceitava-se, então, que a dissertação deveria limitar-se, apenas, à exposição de ideias alheias, sem o posicionamento pessoal, que caracterizava a argumentação. Contudo, a simples seleção das opiniões já implica, por si mesma, em uma opção pessoal, segundo a autora.

A argumentação legitima a seleção de uma determinada hipótese dentre outras. Para tanto, vale-se dos recursos da persuasão. Esta que ocorrerá seja por convicção ou por sedução, segundo Kitis e Milapides (1997). Para persuadir, não é preciso dizer que as informações precisam ser mostradas como verdadeiras e plausíveis por incorporação de feições persuasivas (Van DIJK, 1988). A convicção envolve uma lista de passos argumentativos que - espera-se - sejam aceitos pelo fato de incluir a ativação e a participação do sistema cognitivo. Tal recepção constitui-se em um processo de cognição. Contudo, a persuasão cerceia, frequentemente, a participação cognitiva do leitor no processo de aceitar a perspectiva do autor e, nesses casos, fala-se de 'sedução' em vez de convicção. Nesse sentido, diz Van Dijk (1988, p. 73), que se deve supor que há algo que não varia: "o significado subjacente, que deve ser conservado constante"; mas a mesma coisa pode ser dita de modos distintos".

Por outro lado, dizem Manuti et al (2012), que qualquer forma de comunicação humana é formatada como um texto, isto é, como uma rede de possibilidades e relações enunciativas organizadas como uma totalidade. A noção de "textualidade" está associada não somente à linguagem verbal (falada ou escrita), mas a qualquer produção de significado, em qualquer circunstância em que ocorra (MANUTI et al, 2012).

A respeito desse assunto, Reynolds (2000) afirma que a textura discursiva se dá por meio da fusão de três Modos Textuais - descrição, narração e argumentação, que, segundo o autor, não representam gêneros por si, mas são termos empregados para os modos que se fundem e acabam por formar os gêneros. Tal fusão não ocorre aleatoriamente porque dependendo do gênero, um ou outro modo textual terá prevalência.

Com relação ao modo textual, observa-se que o gênero artigo de opinião é predominantemente um modo argumentativo, com funções persuasivas. Os elementos narrativos e descriptivos, têm a função, segundo o autor, de apoiar a argumentação com evidências, já que tratam de afirmações verificáveis, enquanto que o argumento refere-se ao posicionamento do autor, fatos não-verificáveis, em que se misturam opinião, asseveração e suposição.

Assim, tanto Reynolds, quanto Kitis e Milapides, falam em persuasão via narração e descrição, fenômeno chamado de "cripto-argumentação", a argumentação secreta, ou seja, está implícita e corre subjacentemente a situações narradas e descritas.

Nessa perspectiva, cabe apontar a noção de *Appraisal* (doravante, Avaliatividade), de Martin (2000), para quem, os leitores são sensíveis a síndromes ou complexos de significado avaliativo e aos modos como confirmam, opõem-se ou transformam escolhas de palavras em outros locais do texto. Em seus escritos de textos de notícias, jornalistas expressam ideologias subjacentes e convidam os leitores a se alinharem com leituras preferidas dos eventos. A Avaliatividade, uma ampliação da Metafunção Interpessoal, da Gramática Sistêmico Funcional (GSF), está atualmente alcançando uso amplo (BEN-AARON, 2005) e é talvez o sistema mais complexo para análise de avaliação desde os estudos da "medida de significado" feitos por Osgood et al (1957, 1964, 1975, apud BEN-AARON, 2005).

O objetivo desta pesquisa é a comparação de dois artigos de opinião, que examina a persuasão que percorre dois estilos distintos desse gênero, em textos escritos por Roberto Pompeu de Toledo, da *Revista Veja*, e por Bárbara Gancia, do jornal *Folha de São Paulo*.

Quanto à metodologia, a pesquisa ampara-se na teoria Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004), em especial na metafunção interpessoal e em sua ampliação por meio da noção de Avaliatividade (MARTIN, 2000), para o exame da avaliação que percorre os textos, contribuindo para aumentar a força persuasiva do discurso. A análise conta também com a proposta dos Modos Textuais (REYNOLDS, 2000) e do esquema de gênero (MARTIN, 1984).

A pesquisa deverá responder às seguintes perguntas: (a) Como se constitui a estrutura de gênero em termos dos Modos Textuais, nos textos de Toledo e de Gancia? (b) Que tipo de persuasão - por convicção ou por sedução - prevalece nos textos de Toledo e de Gancia? (c) Qual é a contribuição da Avaliatividade para a realização da persuasão nesses textos?

Esta dissertação está assim estruturada: Introdução, que apresenta, em linhas gerais, o tema da pesquisa, como ela surgiu e seu conteúdo. Além disso, há informações prévias sobre alguns autores consultados para o desenvolvimento deste trabalho; 1. Apoio Teórico, que aponta as teorias principais que embasam as análises realizadas neste estudo, dentre elas a GSF de Halliday (2004), a Avaliatividade de Martin (2000) e Gênero e Modos Textuais de Reynolds (2000); 2. Metodologia, que indica as perguntas de pesquisa. Ademais, são apresentados os procedimentos adotados para a realização das análises da persuasão dos artigos de opinião, de Bárbara Gancia e de Roberto Pompeu de Toledo; 3. Análise e Discussão dos Resultados, que compara, com as teorias de apoio, o modo como é feita a persuasão pelos dois autores; e por fim, Considerações Finais, capítulo que exibe os resultados e a relevância deles para os professores de língua portuguesa, principalmente aqueles que preparam os alunos para redações de vestibulares.

1 APOIO TEÓRICO

Serão apresentadas neste capítulo as teorias que dão fundamentação às análises realizadas nesta dissertação. A Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) (HALLIDAY, 2004) será a primeira e terá como foco a metafunção Interpessoal, que abrange a noção de Avaliatividade, tanto a versão explícita quanto a implícita. Esta última, recorre a alguns recursos retóricos, como a Metáfora e a Ironia. Além disso, a GSF trata da relação entre língua e contexto social, ou seja, Gênero, que está atrelado ao contexto de cultura, e Registro, que está associado ao contexto de situação. A seguir, será tratada a questão da persuasão que ocorre por meio da fusão de Modos Textuais (REYNOLDS, 2000) e que está ancorada na Teoria de Toulmin (2003 [1958]).

1.1 A Gramática Sistêmico-Funcional

A língua reúne, concomitantemente, três significados, ou metafunções: Ideacional (informação), Interpessoal (interação) e Textual (construção linguística da informação e da interação), segundo a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Essa fusão ocorre porque a língua possui um nível intermediário de codificação: a léxico-gramática. É este nível que propicia à língua construir os três significados simultâneos, que aparecem no texto por meio das orações. É por esta razão que Halliday afirma que a descrição gramatical é essencial à análise textual. Em contrapartida, a língua é um *sistema semiótico*, ou seja, um código estruturado como um conjunto de escolhas; quando se escolhe certos termos em detrimento de outros no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que estão as opções que poderiam ter sido escolhidas.

Segundo Eggins (1994), a GSF explica a maneira como os significados são construídos nas interações linguísticas do dia-a-dia. Por isso, requer a análise de produtos autênticos das interações sociais (textos orais ou escritos). É preciso levar em conta os contextos cultural e situacional em que elas ocorrem com o objetivo de

entender a qualidade dos textos: os motivos que levam um texto a assumir um certo significado e a razão de ser avaliado como o é.

Conforme citado anteriormente, há três metafunções. A metafunção Ideacional representa os eventos das orações em termos de *fazer*, *sentir* ou *ser*, entre outros, por meio do sistema da Transitividade, que abarca: (a) Participante; (b) Processos (Material, Mental, Relacional, Comportamental, Verbal e Existencial); e (c) Circunstância. Já a metafunção Interpessoal envolve as relações entre as pessoas expressas na linguagem, por meio da Modalidade, com recursos que indicam: Modalização da informação: probabilidade e frequência; e Modulação sobre bens & serviços: obrigação e inclinação. Por fim, a metafunção Textual que trabalha na construção dos significados Ideacionais e Interpessoais de uma oração. Desta maneira, a informação é compartilhada entre os falantes e seus respectivos interlocutores que trocam significados textuais. Uma mensagem é formada por um Tema, e está associada a um Rema. Tal composição recebe a designação de estrutura temática.

Dentre as três metafunções, esta pesquisa está concentrada na metafunção Interpessoal que considera a oração como uma permuta, segundo Halliday (2004). Para Halliday e Hasan (1976, p. 26-27), a metafunção Interpessoal está voltada para as funções sociais, expressivas e conativas da linguagem, com a perspectiva de manifestação linguística do falante, ou seja, suas atitudes e seus julgamentos, suas decodificações do papel que as relações têm em dada situação e suas razões para não se posicionar.

Neste sentido, a oração é composta como um fenômeno interativo que envolve o falante (ou o escritor), e a audiência. Para o autor, os tipos fundamentais de papel de fala são apenas dois: (i) dar, e (ii) pedir. Portanto, um ato de fala poderia ser chamado de interação, pois é uma permuta, na qual dar implica receber e pedir implica dar em resposta. Juntamente com essa diferença fundamental está uma outra distinção, igualmente básica, que está conectada com a natureza do produto que está sendo permutado. Este pode ser (a) *bens e serviços* ou (b) *informação*. Quando a língua é empregada para permuta de informação, a oração funciona semanticamente como uma Proposição. Quando é usada para permuta de bens e serviços, a oração tem a função semântica de Proposta. Os exemplos estão no Quadro 1.

Quadro 1 - Funções da fala e respostas

	Iniciação	Resposta esperada	Alternativa contrária
dar bens & serviços pedir "	Oferta ordem	aceitação realização	rejeição recusa
dar informação pedir "	afirmação pergunta	entendimento resposta	contradição negação

Fonte: Halliday (1994)

Veja exemplos no Quadro 2.

Quadro 2 - Oferecimento e pedido de informação ou de bens & serviços

Papel na permuta ↓	Produto permutado → (a) <i>bens & serviços</i>	(b) <i>informação</i>
(i) OFERTA	OFERTA Você quer um café?	AFIRMAÇÃO Ela lhe deu flores.
(ii) PEDIDO	ORDEM Passe-me o bule!	PERGUNTA O que está acontecendo?

Fonte: Halliday (1994)

Segundo Halliday (1985), a gramática de qualquer língua inclui um componente interpessoal que realiza essas funções. Neste componente, é acima de tudo os sistemas gramaticais de *Mood*¹ e de Modalidade que sinalizam a interação. O primeiro é definido como o sistema que estabelece relações entre papéis entre falante e ouvinte, enquanto que a modalidade expressa a avaliação que esse falante ou ouvinte fazem sobre o conteúdo da mensagem (BERRY, 1975, p. 66). Halliday (1985, p. 163-164) menciona também outros elementos que realizam a metafunção Interpessoal, como os epítetos atitudinais.

Assim, uma informação pode indicar apenas uma probabilidade (p.ex.: *Acho que foi em Paris.*) ou apontar uma frequência (p.ex.: *Ela sempre foi assim.*). Em termos de Modulação, denota-se obrigatoriedade (p.ex.: *Você precisa estudar mais.*) ou inclinação (p.ex.: *Gostaria de entender melhor.*). Veja Quadro 3.

¹ *Mood* tem sido traduzido por Modo (com a inicial maiúscula). Preferimos manter o termo original, pois em início de sentença por confundir-se com “Modo”, variável de Registro.

Quadro 3 - MODALIDADE (entre sim e não)

SIM	Proposição		Proposta		NÃO	
	Informação		Bens & Serviços			
	MODALIDADE					
	MODALIZAÇÃO	probabilidade ²	freqüência	obrigação ³	inclinação	
		<i>talvez</i>	<i>geralmente</i>	<i>deve</i>	<i>quero</i>	

Fonte: Halliday (1994)

A metafunção Interpessoal abrange os sistemas de *Mood* (Modo) e Resíduo

Quadro 4 – Mood e Resíduo

Mood		Resíduo
Sujeito	Finito	
(a) João	Precisa	fazer a lição
(b) João	Está	fazendo a lição
(c) João	-ou	estud-

Fonte: Halliday (1994)

O *Mood* – estabelece as relações entre papeis de falante e ouvinte, por meio de verbos modais ou adjuntos modais e também pelo Tempo Primário (função interacional). Além disso, há outro aspecto: a Modalidade, que expressa a avaliação dos interlocutores sobre o conteúdo da mensagem (função pessoal). Quanto ao *Mood*, uma oração pode ser: declarativa (afirmativa ou negativa); interrogativa (sim/não; *qu-*); imperativa; e exclamativa.

Exercerá o papel de Sujeito qualquer grupo nominal ou um pronome pessoal. O Sujeito fornece o elemento por referência ao qual a proposição pode ser afirmada ou negada. Por exemplo, em *O duque vai dar a chaleira, não vai?*, o Finito *vai* especifica a referência à polaridade positiva e ao tempo presente, enquanto o Sujeito *o duque* especifica a entidade a respeito da qual a afirmação é feita como válida. É o *duque*, em outras palavras, a quem se atribui o sucesso ou insucesso da proposição. Ele é

aquele que está sendo considerado responsável – responsável pelo funcionamento da oração no evento interativo.

O elemento Finito pertence a um pequeno número de operadores verbais que expressam tempo (p.ex.: é, *tem*) ou modalidade (e.g. *pode*, *precisa*). Contudo, em alguns exemplos o elemento Finito e o verbo lexical estão 'fundidos' numa única palavra, p.ex.: estudou (estud + ou).

O elemento Finito, como diz o seu nome, tem a função de tornar finita a proposição. Isto é, ele a circunscreve; traz a proposição para a realidade, de modo que ela possa ser objeto de discussão. Um modo de tornar algo discutível é dar-lhe um ponto de referência no aqui e agora, diz Halliday; e isso é o que o Finito faz. Ele liga a proposição ao seu contexto no evento da fala. Isto é feito de dois modos: (a) pela referência ao tempo da fala (p.ex.: *Um menino estava atravessando a rua*); (b) pela referência ao julgamento do falante (p.ex.: *Não pode* ser verdade). Em termos gramaticais, o primeiro é o Tempo Primário, o segundo é a Modalidade. A finitude é, pois, manifestada por meio de um operador verbal que é **temporal** ou **modal**.

Quadro 5 – Tempo primário e Modalidade

TEMPO PRIMÁRIO	MODALIDADE
<i>Um menino <u>estava</u> atravessando a rua.</i>	<u><i>Não pode</i></u> ser verdade.

Fonte: Halliday (1994)

O operador verbal apresenta o *Mood* e a Modalidade como ligados *estruturalmente* no sentido de que a expressão congruente da modalidade ocorre por meio de verbos modais, ou adjuntos modais (p.ex.: *frequentemente*), que formariam a parte do elemento *Mood* da oração. Eles estão também ligados *semanticamente* no sentido de que o finito (parte do *Mood* que carrega o tempo primário e a modalidade) “relaciona a proposição ao contexto do evento de fala” de uma das duas maneiras: ‘uma é pela referência ao tempo de fala (Tempo Primário); a outra é pela referência ao julgamento do falante (Modalidade)” (HALLIDAY, 1985, p. 75).

Com referência ao *mood* que envolve a modalidade na proposta da GSF, autores como Lemke (1992, p. 86) afirmam que essa abordagem tende a confundir as

funções interpessoais e a função do “intrometimento” pessoal. Assim, Thompson e Thetela (1995) propõem que se faça uma distinção no interior da metafunção Interpessoal, e vê-la abrangendo duas funções relacionadas, mas relativamente independentes: a pessoal e a interacional, (além do interativo: este para guiar o leitor através do texto, como, por exemplo, *em resumo, como dito anteriormente*, etc).

O resíduo consiste de elementos funcionais de três tipos: Predicador, Complemento e Adjunto. Há apenas um Predicador, um ou dois Complementos e um número indefinido de Adjuntos até, em princípio, cerca de sete, segundo Halliday. Um exemplo é dado no Quadro 6.

Quadro 6 - Estrutura do Resíduo

<i>Minha irmã</i>	<i>está</i>	<i>costurando</i>	<i>camisetas</i>	<i>para os soldados</i>
<i>Sujeito</i>	<i>Finito</i>	<i>Predicador</i>	<i>Complemento</i>	<i>Adjunto</i>
<i>Mood</i>		<i>Resíduo</i>		

Fonte: Halliday (1994)

A noção de Avaliatividade (tradução de *Appraisal*) será tratada em seguida, pois consiste em uma ampliação da capacidade analítica da metafunção Interpessoal.

1.2 A Avaliatividade

Na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), segundo Martin (2000), o sistema interpessoal é basicamente gramatical e seu funcionamento ocorre no nível da oração. *Mood* e Modalidade são pontos de partida para o desenvolvimento de modelos (da função de fala, estrutura de troca, etc. (HALLIDAY, 1984; VENTOLA, 1987). A tradição-baseada-na-gramática tem dado ênfase ao diálogo como uma troca de bens & serviços ou informação. As abordagens da GSF tenderam a omitir a semântica da avaliação – como os interlocutores sentem, os julgamentos que eles fazem a respeito de alguém e o valor que eles atribuem aos fenômenos de sua experiência. Os exemplos do Quadro (7) demonstram que, em diálogos como os apresentados, há mais que uma simples troca de bens & serviços ou de informação. Juntamente com

modelos baseados-na-gramática, então, é preciso elaborar sistemas lexicalmente-orientados que abordem também tais aspectos.

Quadro 7 – Exemplos de Avaliatividade

AFETO – emoções	
RITA	Eu <u>adoro</u> esta sala. Eu <u>adoro</u> aquela janela. E você <u>gosta</u> também?
FRANK	O quê?
JULGAMENTO – ética (avaliando comportamento)	
FRANK	E é o seguinte, entre você, eu e as paredes, eu sou na verdade um professor <u>péssimo</u> . Na maioria das vezes, veja, nem interessa realmente – dar aulas <u>péssimas</u> está bem para a maioria dos meus alunos <u>péssimos</u> .
APRECIACÃO – estética	
RITA	Sabe, a Rita Mae Brown, que escreveu <i>Rubyfruit Jungle</i> ? Você leu esse livro? Ele é <u>fantástico</u> .

Fonte: Martin (2000)

Martin examina o léxico avaliativo que manifesta a opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau. Ele se enquadra na tradição da linguística sistêmico-funcional. O sistema de escolhas empregado para delinear essa área de significado potencial é chamado Avaliatividade (*Appraisal*).

(1) É inaceitável que o espírito de competição degenera em mortes.

Essencialmente, a Avaliatividade mapeia os recursos que são utilizados para avaliar a experiência social (veja MARTIN, 2000; MARTIN; WHITE 2005). Tais características são realizadas por meio de várias estruturas léxico-gramaticais. A análise da Avaliatividade representa uma maneira de capturar comprehensiva e sistematicamente os padrões avaliativos globais que aparecem em um texto, conjunto de textos ou discursos institucionais.

O sistema de Avaliatividade é composto por três subsistemas. A saber:

(a) **ATITUDE** subdividida em subsistemas: *Afeto*, envolve um conjunto de recursos linguísticos para avaliar a experiência em termos afetivos e indica efeitos emocionais, ora positivo, ora negativo de um determinado fenômeno (felicidade, medo etc.); *Julgamento*, retrata significados que avaliam o comportamento humano com referência a normas que determinam como as pessoas devem ou não agir (honestidade, generosidade etc.) e *Apreciação*, que lida com a avaliação estética (sutilidade, beleza etc.). Além disso, há a *Avaliação Social*, uma sub-categoría de Apreciação, que faz referência à avaliação positiva ou negativa de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais.

(b) O **COMPROMISSO**, que funciona como um aparato de elementos linguísticos que habilita o escritor (ou o falante) a assumir um posicionamento pelo qual a sua audiência é construída. Compartilha-se a mesma e única visão de mundo (Compromisso Monoglóssico) ou adota-se uma posição que explicitamente reconhece diversidade entre várias vozes (Compromisso Heteroglóssico). O Compromisso será retomado quando o conceito de vozes for tratado (1.9 Vozes).

Quadro 8 - Recursos de Avaliatividade

AVALIATIVIDADE	COMPROMISSO	monoglóssico [declaração sem negociação] heteroglóssico [declaração com negociação]	
	ATITUDE	Afeto Julgamento Apreciação Avaliação Social	
	GRADUAÇÃO	FORÇA	aumenta [<i>completamente devastado</i>] diminui [<i>um pouco chateado</i>]
		FOCO	aguça [<i>um policial de verdade</i>] suaviza [<i>cerca de quatro pessoas</i>]

Fonte: Martin (2000)

(c) A **GRADUAÇÃO** se refere à força da Avaliatividade, que se apresenta como uma integração de recursos para aumentar ou diminuir a intensidade da avaliação.

O Quadro 9 apresenta o sub-sistema de ATITUDE com exemplos:

Quadro 9 - ATITUDE

ATITUDE	Afeto	(in)Felicidade	
		(in)Segurança	
		(in)Satisfação	
	Julgamento	Estima Social	Normalidade [frequente/raro]
			Capacidade
			Tenacidade
	Apreciação	Sanção Social	Veracidade
		Propriedade [ética]	
		Reação (impacto): [Isso me cativa?]	
		Reação (qualidade): [Eu gosto disso?]	
		Composição (equilíbrio): [Eles combinam?]	
		Composição (complexidade): [Fácil de compreender?]	
		Valoração [Vale a pena?]	

(Fonte: MARTIN, 2000)

Assim também, o Quadro 10, detalha o sub-sistema de Compromisso.

Quadro 10 - O Compromisso

<p>Compromisso Monoglóssico Não há possibilidades de posições alternativas, as proposições são declaradas de maneira absoluta. e.g. <i>Esta é uma situação desagradável.</i></p>	
<p>Compromisso Heteroglóssico Sinaliza algum compromisso com posições alternativas/voz. Mas, em geral, apresenta a proposição como sendo auto-evidente, tal que não precisaria ser afirmada pela voz textual, podendo ser deixada a cargo do leitor suprir o significado requerido. O termo “compromisso heteroglóssico” envolve duas amplas categorias: dialogicamente expansivos (possibilitam alternativas) ou dialogicamente contráteis (restringem as possibilidades).</p>	
<p>Expansão Dialógica</p> <p>I. <u>ACOLHE</u> [aceite modalizado] e.g. <u>Talvez</u> seja uma situação difícil.</p> <p>II. <u>ATRIBUI</u> [atribui a outro] (a) reconhecimento e.g. O diretor <u>afirmou</u> que (b) distanciamento e.g. A FSP <u>afirmou</u> ..</p> <p>III. <u>JUSTIFICA</u> [com avaliação, recomendação] e.g. <i>Essa situação baseia-se em dados questionáveis.</i></p>	<p>Contração Dialógica</p> <p>I. <u>PROCLAMA</u> [tenta convencer] (a) acordo e.g. <u>Éclaro</u> que a situação ... (b) pronunciamento e.g. <u>Eu</u> contestaria que ... (c) endosso e.g. <u>Como Solis</u> - um pesquisador de <u>renome</u> - afimou ..</p> <p>II. <u>REJEITA</u>: O mais contrátil. (a) negação e.g. <u>Novas leis</u> <u>não</u> resolverão... (b) oposição e.g. [...] <u>Mas</u> nós já temos isso...</p>

(Fonte: WHITE, 2003)

Com referência ao Compromisso, orações não-modalizadas, tais como, ‘A pôlis deu aos indivíduos um sentido de pertencer’, sugere uma leitura monoglóssica da

proposição, que não está aberta a negociação (WHITE, 1998); em outras palavras, o escritor ‘encoraja o leitor a supor que a proposição é não-problemática e que ela desfruta de amplo consenso’ (COFFIN, 2002). A Modalidade, por outro lado, permite aos falantes ‘aceitar a existência de controvérsia de uma proposição, o desejo de negociar com aqueles que têm opinião distinta, ou a respeito do falante em relação a visões alternativas’ (WHITE, 1998).

Uma proposição modalizada como ‘Provavelmente, eles não viram sentido em trabalhar para o futuro quando o futuro era tão incerto’ oferece uma visão heteroglóssica da proposição. Esse marcador explícito de negociabilidade (*provavelmente*) ao contrário da declarativa positiva, não supõe ou não simula solidariedade entre escritor e leitor’ (COFFIN, 2002).

A propósito, quando a avaliação está explicitamente realizada, a análise da atitude em positiva ou negativa em relação a algum evento é evidente:

(2) Foi ótimo o Corinthians derrotar o São Paulo.

Entretanto, é possível ficar em dúvida na realização das análises quando a avaliação não estiver inscrita explicitamente, como em:

(3) É, o Corinthians é o campeão da Libertadores.

Esse fato levou Martin a postular uma distinção importante:

Quadro 11 - Tipos de Avaliatividade

Inscrita (explícita)	As crianças estavam falando <i>alto</i> .
Evocada (implícita) (<i>tokens</i> ‘factuals’)	As crianças conversavam enquanto ele dava aula.
Implícita provocada (alguma linguagem avaliativa)	<i>A professora já estava na sala, mas as crianças continuavam falando.</i>

Desse fato, decorre a noção de *tokens* de Atitude, a Avaliatividade implícita – significados aparentemente ‘factuals’, experenciais, que podem ser “saturados” em termos interpessoais, e que evocam no leitor respostas avaliativas. Tais reações dependerão da sua posição de leitura social / cultural / ideológica.

Ademais, uma ligação do sistema da Avaliatividade pode envolver o conceito de redundância, ou seja, uma determinada situação pode vir a ser expressa por diferentes Processos, como no exemplo, com Processos Relacional e Mental:

Quadro 12 - Redundância

<i>O filme era muito triste.</i>	<i>O filme me comoveu até as lágrimas.</i>
com Processo Relacional	com Processo Mental

Fonte: Martin (2000)

Há uma série de prováveis realizações linguísticas do Afeto, assim como de Julgamento e de Apreciação:

(a) AFETO como qualidade

adjunto adnominal	<i>um menino feliz</i>	epíteto
predicativo	<i>o menino estava feliz</i>	predicativo
modo do processo	<i>o menino brincava feliz</i>	circunstância

(b) AFETO como processo

comportamento	<i>Ela sorriu para ele</i>
disposição mental	<i>Ela gostou do presente</i>
relacional	<i>Ela se ficou feliz com ele</i>

(c) AFETO como comentário

<i>Felizmente, conseguimos descansar</i>	Adjunto modal
--	---------------

A Avaliatividade, a negociação e o envolvimento constituem as relações, uma das variáveis de REGISTRO – contexto de situação, segundo a GSF - que se refere às relações de poder e de solidariedade entre os interlocutores. Martin diz que a expressão de atitude não é simplesmente uma questão de posicionamento pessoal, uma questão interpessoal, pois a razão básica de adiantar uma opinião é provocar uma resposta de solidariedade do interlocutor.

A Avaliatividade, a partir de agora, passará a ser tratada como uma realização ao longo do texto e não concentrada em uma palavra apenas.

1.2.1. A Avaliatividade e a Prosódia

O termo *logogênese* é usado para caracterizar a construção dinâmica do significado de acordo com o desenvolvimento do texto (HALLIDAY, 1992, 1993). Thompson (1998) classifica tal harmonia de significados como *ressonância*. Trata-se de um produto que é representado como uma combinação de escolhas, não identificáveis, com qualquer outra escolha, se consideradas isoladamente.

Nesse contexto, e com referência à Avaliatividade, Martin (1992, p. 553-559) e outros sistemicistas asseveram que as realizações de significados interpessoais, que também incluem modalidades e atitudes, tendem a ser mais 'prosódicas' que as realizações mais segmentáveis e localizadas dos significados ideacionais. Para Lemke (1998), componentes redundantes, qualificadores e amplificadores ou restritivos, daquilo que é funcionalmente uma única avaliação, espalham-se pela oração ou pela oração complexa ou, mesmo, de longos trechos de um texto. Ficará claro, assim, que as avaliações de proposições e propostas não são independentes, em textos longos, da avaliação de Participantes, Processos e Circunstâncias incluídos em Proposições e Propostas.

Lemke (1998) chama de *realização prosódica* a esse significado atitudinal que se estende pelo texto e que inclui: a coesão avaliativa, a propagação sintática, a avaliação projetiva, a avaliação prospectiva e retrospectiva, e propõem que esses significados avaliativos desempenhem um papel importante na análise do discurso da heteroglossia social e da identidade individual e coletiva. O autor examina um corpus constituído de editoriais.

Por outro lado, devido à existência de vários tipos de nominalização em determinados registros, uma proposição (p.ex., "a confirmação chocou a população") em um ponto do texto pode tornar-se 'condensado' (p.ex., "confirmação") como um participante em outro trecho, e, vice-versa, participantes (especialmente nomes abstratos) podem ser 'expandidos' pelo leitor em proposições implícitas por meio da referência a algum intertexto, ou ao co-texto imediato (e.g. "João confirmou a denúncia") (LEMKE, 1990).

1.2.1.1 Fazendo uma leitura relacional

Uma leitura relacional, diz Macken-Horarik (2003), não é a mesma coisa que uma leitura correta. Há um nível de ‘jogo’ na estratégia de resposta disponível numa leitura literária. Evidentemente, uma leitura relacional (ou sinótica) da narrativa como um todo precisa ser feita gradualmente. Uma interpretação bem sucedida, então, depende de duas habilidades – uma de processar as palavras do texto dinamicamente e outra de construir a relação semântica de cada fase com outra. Segunda uma perspectiva sinótica (leitura do todo, resumido), de retrovisão, os leitores reconhecerão que algumas fases confirmam, outras se opõem e ainda outras transformam o significado avaliativo de etapas anteriores.

A Avaliatividade se refere às expressões de Atitude evocadas (implícitas) e *inscritas* (explícitas), que criam um espaço semântico mais amplo que, por si, se torna avaliativo. Sobre a questão, Macken-Horarik (2003) fala de *metarrelação*, que, segundo ela, permite interpretar a co-padronização de escolhas de Avaliatividade em determinadas etapas e construir as relações semânticas entre uma fase e outra. Assim, é possível tratar não somente de formas explícitas de avaliação como a Avaliatividade inscrita, como também de escolhas de Avaliatividade implícita por meio de longas passagens do texto. Desta forma, os modos pelos quais as combinações de escolhas conspiram criam atitudes específicas no leitor ideal conforme ele processa o texto. Para acrescentar, certas configurações de metarrelações co-ocorrem em diferentes aspectos no posicionamento do leitor. Enquanto a empatia favorece a seleção de confirmações, as oposições e avaliações internas, percepção ética favorecem as avaliações externas, internas e transformações.

Elas tendem a articular o mundo externo do 'deviam' e projetam-no para o mundo interno focalizador dos 'querem'. Naturalmente, não são todas as avaliações externamente projetadas que são globais em seu alcance; tampouco todos entram nas relações semânticas por meio dos textos. Para tornar-se 'meta-' do significado, precisam relacionar-se e harmonizar-se com as metarrelações em algum lugar no texto.

Quadro 13 – As metarrelações

Metarrelação	Significado semântico
Confirmação	Uma fase que cria equivalência com etapa(s) anterior(es) por meio de escolhas avaliativas semelhantes.
Oposição	Uma fase que cria contraste com etapa(s) anterior(es) por meio de escolhas avaliativas opostas.
Transformação	Uma fase que cria mudança de significados de etapa(s) anterior(es) por meio de mutação nas escolhas avaliativas.
Avaliação interna	Uma fase que projeta olhares interiores e sentimentos de um personagem.
Avaliação externa	Uma fase que verbaliza os olhares e os sentimentos de uma personagem.

Fonte: Macken-Horarik (2003)

Outros aspectos importantes são utilizados na Avaliação linguística, especialmente na Avaliação implícita: contrabando de informação e política do apito do cão, expostos a seguir.

1.2.1.2 Avaliação Implícita

Há alguns exemplos de Avaliação implícita. Porém, dois serão abordados nesta pesquisa: a "política do apito do cão" (*dog-whistle politics*) e o "contrabando de informação".

Coffin e O'Halloran (2006) trabalham mais especificamente com avaliação negativa conhecida como política do apito do cão, que consiste na comunicação política que emprega significados supostamente neutros, mas que devem ser 'entendidos' como uma mensagem negativa pela comunidade alvo (MANNING, 2004).

Já o contrabando de informação é estudado por Luchjenbroers e Aldridge (2007). Para os autores, os frames ou enquadres são informações aceitas culturalmente por uma comunidade discursiva e estão presentes em qualquer termo lexical. A adequação do *frame* escolhido é crucial para 'contrabandear uma informação', termo utilizado quando uma informação (negativa) é sub-repticiamente introduzida, por exemplo, nas declarações de uma testemunha. Os *frames* de referência associados a cada escolha lexical geram constituintes adicionais de significados, ou seja, cada escolha desencadeia uma rede ampla de associações que

estão prototípicamente no uso do vocábulo escolhido. Tais associações serão captadas pelo interlocutor dependendo de suas experiências e de sua compreensão das normas sociais que limitam tais seleções lexicais.

Por isso, faz-se necessário entender em quais contextos os enunciados são produzidos.

1.3 Língua e Contexto

Os sistemicistas têm como princípio analisar produtos autênticos das interações sociais, levando em conta o contexto social – situacional e cultural - a fim de avaliar a qualidade dos textos (EGGINS, 1994). Na GSF, o contexto situacional é denominado Registro. Já o contexto cultural é chamado de Gênero. O Registro envolve três variáveis: Campo (refere-se ao assunto), Relações (refere-se à interação) e Modo (refere-se à organização do texto). Essas variáveis são, por sua vez, organizadas pelas metafunções da linguagem: Ideacional, Interpessoal e Textual, respectivamente (MUNIGL, 2002).

Já o Gênero é definido como “uma atividade, organizada em estágios, orientada para uma *finalidade*, na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura” (MARTIN, 1984, p.25). Cada um dos estágios pode ser identificado na seção retórica do texto para revelar uma função comunicativa específica. Os gêneros que abrigam a argumentação, apresentam, em termos gerais, a estrutura Problema-Solução (HOEY, 1994; PORTA, 2002), composta por (a) Situação; (b) Problema; (c) Hipótese de Solução (ou de pontos de vista sobre a questão); (d) Argumentos em prol da Hipótese; e (e) Tese.

A ideologia ocupa um nível superior de contexto que tem chamado a atenção dos sistemicistas, na medida em que, em qualquer registro e em qualquer gênero, o uso da língua será sempre influenciado pela posição ideológica (os valores cultivados, as tendências seguidas, as perspectivas que se tem). Embora a ideologia tenha importância atestada, apenas algumas áreas do conhecimento humano e do estudo da linguagem tentam analisar aspectos ideológicos (VAN DIJK, 1999), dentre as quais se destaca a Análise de Discurso Crítica, que engloba uma variedade de abordagens em torno da análise social do discurso (FAIRCLOUGH, 1992; FOWLER, 1991). A

ADC oferece uma contribuição significativa da Linguística para debater questões da vida social, como o racismo, o sexism (a diferença baseada no sexo), o controle e a manipulação institucional, a violência, as transformações identitárias, a exclusão social, entre outros. (MAGALHÃES, 1986).

A seguir, serão examinados outros elementos que dão formatação social ao discurso: Gênero e Modos Textuais.

1.4 Gênero e Modos Textuais

Reynolds (2000) busca mostrar como a textura do discurso é criada por meio da mistura de modos textuais, no contexto de um gênero específico – o editorial de jornal. Os dados consistem de um conjunto de editoriais, todos sobre o tema eleições gerais britânicas de 1997, que foram publicados em jornais considerados representativos de visões políticas distintas, *The Times* (direita) e *The Guardian* (centro-esquerda).

Reynolds faz uso do termo “gênero” em um amplo sentido bakhtiniano – que é, não no conceito literário, mas como um conceito que se aplica a todo discurso como seu princípio, como “uma forma de ação social” (MILLER, 1984, apud REYNOLDS, 2000), ou melhor, como ação sócio-retórica. O gênero motiva e formata socialmente o discurso e a participação discursiva de fora, enquanto a língua na qual um discurso ocorre restringe e capacita a expressão, como se fosse, de dentro.

Para Vigner (1998), o reconhecimento de um gênero possibilita que a sua leitura seja regulada de acordo com um sistema de expectativa. Além disso, pode-se inscrevê-la num percurso previsível, pois reconhecer o gênero significa operá-lo a partir da apreensão de um certo número de sinais de abertura. Por exemplo, ao ler um artigo de opinião, o leitor espera ler um texto polêmico, em geral, com argumentos que sustentem o posicionamento do autor. Vigner (1998) também afirma que os textos apresentam resquícios de significado com os quais os leitores já estão, de uma certa maneira, familiarizados. Isso decorre da relação que o leitor estabelece com outros textos.

A língua e o gênero são responsáveis pela "textura" do texto. Textura, é, então, a instanciação no discurso de duas ordens virtuais de estrutura, ou seja, a estrutura

linguística e a estrutura genérica (REYNOLDS, 1997). Textura é um conceito funcional que inclui a coesão descrita pelos linguistas sistêmico-funcionais, tais como Halliday e Hasan (1976, 1989) e Martin (1992), mas também, e mais importante, a coerência que eles procuram explicar. Textura é o resultado da mistura de modos textuais, que juntos abrangem o discurso e correspondem a funções para as quais precisa-se da língua e para usá-la.

Chaparro (1998), afirma que, em textos jornalísticos, tanto a narração quanto a argumentação constituem o alicerce de todos os textos de jornal. Isso porque a informação e a opinião se mesclam. Elas podem não aparecer na superfície da trama textual. Entretanto, sabe-se que estão implícitas em toda peça jornalística.

Os Modos Textuais podem ser *Representacionais*, *Interpessoais* e *Metadiscursivos*. Há três Modos Representacionais: Narrativo (contar estórias), Descritivo (dizer como as coisas são) e Argumentativo (expressar opiniões e crenças e tentar persuadir os outros dos seus pontos de vista). Há também três Modos Interpessoais: Diretivo (dizer aos outros como, quando e/ou onde fazer algo), Intencional (anunciar planos e intenções, e expressar compromisso de ação) e Fático (estabelecer e manter contato com outros). Ademais, há um Modo Metadiscursivo, ou Modo Reflexivo, no qual se faz comentário sobre o discurso, o próprio e o do outro. No caso desta pesquisa, o foco está nos Modos Representacionais.

Quadro 14 - Os modos textuais

Modos Representacionais			Modos Interpessoais			Modo metadiscursivo
Narrativo	Descritivo	Argumentativo	Diretivo	Intencional	Fático	Reflexivo

Fonte: Reynolds (2000)

Esses Modos são a realização de amplas funções para as quais a língua é usada. A combinação de Modos Textuais não é, contudo, um assunto aleatório. Em gêneros específicos, como resultado da exigência, ou do Motivo Social (MILLER, 1984, apud REYNOLDS, 2000), da ação retórica que está sendo praticada, um ou outro Modo será predominante: narrativo para contar uma brincadeira ou uma anedota,

argumento em artigos acadêmicos ou discursos judiciais. É a percepção dessa predominância que leva a falar em ‘gênero narrativo’ ou ‘gênero argumentativo’. Para o autor, todo discurso toma uma forma genérica particular que é realizada como alguma combinação – embora não em um feitio estatisticamente previsível – de Modos Textuais.

Os Modos Textuais podem apresentar-se em forma de fusão linear (os modos textuais se alinharam) ou escalada (os modos textuais se fundem, dificultando sua identificação) nos textos argumentativos.

No Modo Argumentativo, há muitas funções, que, juntas, constituem a sua natureza persuasiva. Vestergaard (2000) fala em tipos illocucionários, concentrando-se em dois deles, predição e avaliação, já que estão sempre presentes na argumentação de editoriais; também salienta dois outros: declarações e hipóteses.

1.5 O modelo de Toulmin

Para tratar do argumento, Reynolds ampara-se no modelo retórico, de Toulmin (1958), constituído de *Fundamento*, *Reivindicação* e *Garantia*, que é relacionado à realização do argumento por meio de um número de funções, ou seja, *hipóteses*, *previsões*, *avaliações* e *afirmações*. Reynolds liga o Modo Argumentativo com o Modelo Retórico de Argumento, de Toulmin (1958). A seguir, o modelo será examinado.

Reivindicação e desafio, reivindicação e contra-reivindicação, são prototípicamente realizados de forma dialógica. Logo, são sequências de pergunta-resposta que subjazem à lógica do argumento cotidiano. Segundo a teoria de Toulmin (1958), cada uma de suas categorias teóricas [de *Reivindicação*, *Dados*, *Garantia*, *Qualificação*, *Refutação* e *Apoio*] está potencialmente sujeita a desafios com respeito à sua validade. A sequência de movimentos dialógicos mostrados abaixo, foi reconstruída por Lauerbach (2007) a partir do modelo de Toulmin (cf. TOULMIN, 2006 [1958], p. 94-107):

(a) **Reivindicação**: asserção pela qual se compromete. [e.g. *Tom é cidadão britânico.*]

- (b) **Dados**: fatos que são oferecidos para apoiar a reivindicação. [Ele nasceu nas Ilhas Bermudas.]
- (c) **Garantias**: registro, implícito, da legitimidade do passo envolvido para passar dos Dados para a Reivindicação. [Há uma lei que garante essa reivindicação.]
- (d) **Qualificação**: inserção de um qualificador [Ele é certamente um cidadão britânico.]
- (e) **Refutação**: circunstâncias nas quais não se aceita a autoridade geral da garantia. [Mas seus pais não são cidadãos britânicos.]
- (f) **Apoio**: afirmações categóricas que são expressas quando refutador não aceita validade da Garantia. [A afirmação de que os estatutos sobre a nacionalidade britânica foram de fato transformados em lei.] (TOULMIN, 2006 [1958], p. 153).

A argumentação racional, como todas as atividades cooperativas de pergunta-e-resposta, é um recurso para a construção de um conhecimento consensual socialmente compartilhado. Ela está no centro da teoria de consenso da verdade de Habermas. A argumentação resulta de e suspende “a ação comunicativa” quando um ato de fala é desafiado em sua validade em relação à verdade das asserções, à autoridade legítima dos diretivos e aos requisitos de sentimentos autênticos nas expressivas (HABERMAS, 1987). Nesses casos, os participantes se movem para um meta-nível da discussão “discursivo”/ lógica até a disputa ser resolvida.

Isso não significa, porém, que a argumentação não possa ocorrer em discurso ou texto monológico. Oradores e autores podem apresentar questões retóricas e, então, ir adiante e respondê-las eles mesmos. Dessa forma, eles podem construir seus argumentos antecipando possíveis objeções da audiência ou de leitores projetados (VAN EEMEREN; GROOTENDORST, 1992; WALTON; KRABBE, 1995; VAN EEMEREN *et al.*, 1997, 2002, apud LAUERBACH, 2007).

Nesta versão simplificada do modelo desenvolvido por Toulmin, uma argumentação válida consiste dos Dados (para uma afirmação ou reivindicação) da Reivindicação em si (ou conclusão do argumento) por meio de Garantias – que “faz a ponte entre a reivindicação e os dados/evidência apresentados para tanto” (FULKERSON, 1996, p. 59, apud TOULMIN, 1958).

Quadro 15 - Modelo de argumento

Dados	(portanto)	Reivindicação
(devido a) Garantia		

Fonte: Toulmin (1958)

Esse modelo, se aplicado à argumentação, nos termos da análise do Modo Textual, pode-se dizer que os Dados e as Garantias, com base na sua verificabilidade, pertencem à Narrativa e/ou Descrição, enquanto as Reivindicações são os Argumentos.

1.6 Argumentação e persuasão

A linguagem possui uma função social. O homem, detentor de razão e vontade, usa a língua porque está inserido em uma comunidade e tem necessidade de interagir com os outros integrantes do grupo para estabelecer variados tipos de relações. Tais relações são viabilizadas por meio do discurso.

A competência da comunicação social e discursiva se dá, essencialmente, pela argumentatividade, isto é, comunicar consiste em organizar o discurso de maneira que envolva as intenções do falante/escritor. A ação sobre o mundo dotada de intencionalidade é veiculadora de ideologia e se realiza nos diversos atos argumentativos construídos com base nos seguintes pilares: falar, dizer e mostrar.

As escolhas léxico-gramaticais têm papel fundamental nessa tríade. A gramática pode ser vista por um viés argumentativo, que transpõe as barreiras da normatividade. Sabe-se que a gramática normativa não consegue dar conta de todos os fenômenos linguísticos e não se aprofunda em questões semânticas. Cabe ressaltar, ainda, um outro nível de análise: a pragmática. É um elemento incorporado à linguagem que está situado entre o sintático e o semântico, e não como um acréscimo após a interpretação dos enunciados (KOCH, 2011).

Com isso, a pragmática ganha relevância na produção de sentido dos enunciados. Verifica-se, também, que o sentido literal não preexiste à compreensão e

deve ser visto como um efeito de sentido entre as demais possibilidades discursivas. Tal situação provem de juízos de valor formados pelo homem no processo interacional, continua a autora.

É conveniente enfatizar, também, que a linguagem utilizada na interação visa a determinados efeitos, como o de persuadir. É sabido que a argumentação legitima a seleção de uma determinada tese entre outras. Para tanto, vale-se dos recursos da persuasão, que pode intervir por meio da convicção ou da sedução, segundo Kitis e Milapides (1997). Nesse sentido, é árdua a tarefa de rastrear as organizações discursivas que escapem à persuasão, pois esta frequentemente cerceia, por meio da emoção (sedução), a participação cognitiva do leitor no processo de aceitar a perspectiva do autor (CITELLI, 2006).

1.6.1. A Persuasão: convicção e sedução

Tanto a convicção quanto a sedução são processos que estão inseridos em uma relação de espécie-para-o-gênero, no hiper-processo da persuasão (Van DIJK, 1988 apud KITIS; MILAPIDES, 1997). A convicção envolve uma série de etapas argumentativas. Espera-se que tais etapas sejam aceitas. Elas incluem a ativação e a participação do sistema cognitivo do interlocutor. Por isso, a recepção das informações se constitui em um processo cognitivo.

Entretanto, a persuasão se apropria do envolvimento cognitivo do interlocutor no processo de aceitação da perspectiva do autor. Por isso, afirma-se que há 'sedução' no lugar de convicção. Sornig (1988, p. 97 apud KITIS; MILAPIDES, 1997) nota que

enquanto os mecanismos de conhecimento e convicção obviamente funcionam principalmente ao longo das linhas cognitivo-argumentativas, a sedução, em vez de confiar na verdade e/ou credibilidade de argumentos, explora a aparência externa e aparente veracidade do persuasor. A persuasão sedutora tenta manipular a relação que se obtém ou que está para ser estabelecida entre o falante e seu ouvinte.

Para Kitis & Milapides (1997), os dispositivos de sedução na relação entre o que persuade e sua 'vítima' ou 'cúmplice' são identificáveis no nível do texto assim como no do sub-texto. Em outras palavras, a persuasão se realiza tanto no nível

lexical, estruturas e figuras de linguagem como componentes da organização local do texto, como também no nível de sua coerência global do texto. O que está implícito em tudo isso é a seleção de um certo estilo. Ademais, há algo que não varia: "o significado subjacente ou referência que deve ser conservado constante" (VAN DIJK, 1988, p. 73, apud KITIS; MILAPIDES, 1997). Van Dijk conclui: "O estilo, assim, parece ser capturado pela conhecida frase 'dizer a mesma coisa através de diferentes modos'" (ibid. p. 73).

Cabe mencionar o conceito de 'mundo textual', tal como é apresentado por Semino (1997) que afirma que ao ler um texto, o leitor infere ativamente um mundo textual 'atrás' do texto. O 'mundo textual' faz referência ao contexto de realidade que o leitor evoca durante a leitura, e que é referido pelo texto. O mundo textual é uma entidade flexível, já que é percebida de maneiras distintas pelos leitores. Aliás, não há garantias de que os interlocutores construirão o mundo textual pretendido pelo emissor da mensagem.

A persuasão se apoia na criação de mundos textuais pelo fato de serem eles aceitos praticamente sem a averiguação crítica do leitor, pois tal mundo está alicerçado no próprio conhecimento prévio que o leitor traz na sua interação com o texto.

Há outros recursos que contribuem para a construção da persuasão textual e que serão explorados nesta pesquisa: metáfora, ironia e vozes, que estão na sequência.

1.7 A Metáfora e a Persuasão

Velasco-Sacristán (2010) define a metáfora como um tropo da linguagem figurativa, estruturada de acordo com critérios de similaridade. Há, ainda, um mapeamento entre domínios (e.g., "leão" do domínio concreto por "força" do domínio abstrato). A metáfora para produzir seus efeitos, deve ser usada em um contexto que permita ao intérprete decidir sobre o tipo de entidade que tem a sua frente (ROMERO; SORIA, 2005). Moon (1998, p. 248) fornece um bom exemplo disso ao explicar o provérbio, *'pedra que rola não cria musgo'* que pode ter dois significados e avaliações opostos. O primeiro é de que 'as pessoas que se movem bastante nunca acumularão

riqueza, posição, estabilidade etc.' e o outro é que 'as pessoas que se movem bastante nunca ficarão velhas e chatas'. A adoção da interpretação positiva ou negativa depende do que se pensa sobre o musgo: é algo bom ou mal? Assim, pode haver diferentes interpretações sobre o que é metáfora e interpretações diferentes sobre o que ela significa.

A literatura sobre a metáfora mostra uma terminologia variada: (*Tenor*) *Topic* e *Vehicle* (GOATLY 1997); *Source* e *Target* (CHARTERIS-BLACK 2004; VELASCO-SACRISTÁN 2010), e Shie (2011) faz a distinção entre *source* / *target* (para metáfora) e *vehicle/target* (para metonímia).

- (a) Fonte (*source*) é o referente convencional da unidade;
 - (b) Alvo (*target*) é o referente não-convencional; assim, como exemplo:

(1) O passado é um país estrangeiro; eles fazem as coisas de modo diferente lá.

Charteris-Black demonstra que a metáfora se associa com a articulação de pontos de vista assim como com a maneira que se sente a respeito deles; isto provavelmente explique a proximidade que existe entre avaliação e metáfora, diz ele. Na expressão de um sistema de valores parece haver duas possibilidades: ou os valores são manifestados diretamente - como estão, por exemplo, no código de leis, conjunto de preceitos morais ou declarações categóricas sobre o que é bom e o que é mau - ou são expressos indiretamente. Quando o último acontece, é em geral por meio de metáfora; isto porque uma afirmação literal do sistema de valores não leva em consideração os sentimentos do receptor: funciona mais para a imposição de valores. A vantagem do uso de metáforas - sobretudo as que se tornaram convencionais para a expressão de certos pontos de vista - é que elas levam em conta o sistema de valores aceitos na comunidade.

Ao empregar uma metáfora, o interlocutor é convidado a participar de um evento interpretativo, conectado ao mundo social e que reflete a subjetividade. O sucesso ou insucesso da interpretação deste fenômeno dependerá da capacidade do interlocutor de superar a tensão entre o que é dito e o que significa. Este é um ponto-chave da metáfora.

Se for possível tornar algo congruente (enquanto aparentemente incongruente)

isto significa que haverá comprometimento dos interactantes em uma atividade conjunta de criação de significado que vai além do que é frequentemente codificado no sistema semântico. Charteris Black sugere que o engajamento em um ato de ampliar os dispositivos linguísticos envolvidos na metáfora é um modo de forjar uma ligação interpessoal mais consistente entre falante e ouvinte que se estende além da poesia.

Nesse contexto, para Charteris-Black (2004), a metáfora é um conceito relativo que não pode ser determinado por um único trato aplicável a todas as circunstâncias e que é preciso incluir critérios linguísticos, pragmáticos e cognitivos. Isso porque não se pode assegurar uma correspondência entre as intenções dos codificadores da metáfora e as interpretações dos decodificadores; elas variam entre indivíduos, de acordo com o contexto em que a metáfora ocorre. Charteris-Black afirma que uma orientação importante para a semântica cognitiva é a sua incorporação à pragmática, que ele chama de Análise Crítica da Metáfora.

A metáfora é uma figura de linguagem que é recorrentemente usada na persuasão; isso porque ela representa um outro modo de ver o mundo. Devido ao fato de ser persuasiva, a metáfora é bastante usada discursivamente na linguagem retórica e argumentativa tal como em discursos políticos. A metáfora desempenha papel importante, tanto pela construção de representações por meio da personificação, por exemplo, quanto pela linguagem que emerge de conceituações subjacentes por ligar diferentes domínios da atividade humana.

Charteris-Black pretende demonstrar a relevância da metáfora devido ao seu papel no desenvolvimento da ideologia em áreas, tais como, as da política e da religião em que influenciar julgamentos é o objetivo central do discurso. A metáfora é ativa no desenvolvimento de um enquadre conceitual para representar novas ideias assim como para fornecer novas palavras para preencher falhas lexicais (ou catacrese). O papel pode ser semântico e se refere ao alargamento dos recursos do sistema linguístico para acomodar mudança no sistema conceitual. Porém, pode também servir como um recurso estilístico que efetiva certas intenções retóricas dentro de um determinado contexto.

Por vezes, é difícil separar o papel semântico da metáfora do seu valor pragmático: o desenvolvimento de um enquadre conceitual pode também envolver escolhas linguísticas. Assim, se um teórico de gerenciamento usa termos, como, 'uma

declaração de missão' ou um político fala de 'uma visão do futuro', é evidente que sua meta é associar a teoria do gerenciamento e a política com a fé religiosa. Em um sentido, isso preenche a lacuna semântica porque 'uma visão' significa mais que 'um objetivo' ou 'uma meta'; em outro sentido é pragmático porque avalia positivamente ao se apoiar em um esquema de crença religiosa. Charteris-Black espera ilustrar o modo como o uso da metáfora camufla, em geral, uma função persuasiva subjacente que não é imediatamente transparente. Esse fato leva-o à segunda meta do trabalho que é o desenvolvimento da consciência crítica da linguagem de como uma função persuasiva subjacente na escolha de certas palavras influí na interpretação feita pelos receptores do texto.

1.7.1 A metáfora conceitual/universal e a metáfora cultural

Lakoff e Johnson (1980) dizem que a metáfora é, para a maioria das pessoas, um instrumento da imaginação poética e floreamento retórico – um assunto mais da linguagem extraordinária do que da comum. Além disso, a metáfora tem sido vista como característica somente da língua, um assunto sobre palavras e não sobre pensamento ou ação. Por isso, muitos acreditam que podem viver perfeitamente sem a metáfora. Os autores mostram, então, que a metáfora permeia a vida cotidiana, não somente na língua, mas também no pensamento e na ação. O sistema conceitual comum, em termos de pensamento e ação, é fundamentalmente metafórico por natureza.

Utilizando a metáfora conceitual O AMOR É UMA VIAGEM, Lakoff (1993) argumenta que a expressão idiomática inglesa “*spinning one's wheels*” (patinar) está associada a uma imagem convencional mental, em que as rodas de um automóvel deslizam sobre alguma substância, por exemplo, barro, areia, neve, etc., impedindo que o carro se movimente, mesmo impulsionado por seu próprio motor. Argumenta também que é parte do conhecimento comum associado a tal imagem o fato de que o motor do automóvel gasta certa quantidade de energia, na tentativa frustrada de colocá-lo em movimento, e, ainda, que essa situação só poderá ser modificada, se os ocupantes do veículo encontrarem outra forma de movimentá-lo.

Por outro lado, Quinn (1991) discorda fortemente da teoria da metáfora

conceitual proposta por Lakoff e seus associados e adotada por outros (LAKOFF, 1987, 1993; LAKOFF; JOHNSON, 1999; GIBBS 1994 apud WEE, 2006), considerada por ela como uma proposta que promove “uma aparente alegação inadequada de que a metáfora subjaz ao entendimento e o constitui”. Ela propõe que se dê um papel mais fundamental à cultura, porque “as metáforas, longe de constituir o entendimento, são geralmente selecionadas para ajustar-se a um modelo pré-existente e culturalmente compartilhado” (QUINN 1991, p. 59). Esse fato pode explicar a razão do uso da metáfora para fins persuasivos, como dizem Edward e Potter (1992), já que a metáfora se apoia em conhecimento compartilhado por uma comunidade, presente no *frame* de cada falante.

Nesse sentido, Kövecses (2005) passa a examinar as metáforas de nível geral encaixadas culturalmente para ver se elas mantêm seu status potencialmente universal, e fala das metáforas **congruentes** e das metáforas **alternativas**.

(a) *Metáforas congruentes* - A metáfora A PESSOA ZANGADA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO parece ser quase-universal. O que é especialmente importante sobre essa metáfora conceitual é que ela funciona num nível extremamente geral. A metáfora não especifica muito do que *poderia* ser especificado. Por exemplo, ela não diz que tipo de recipiente é usado; como a pressão cresce; se o recipiente está aquecido ou não; que tipo de substância enche o recipiente (líquido ou sólido); que consequências tem a explosão. As metáforas que são preenchidas em congruência com esquemas gerais são chamadas *metáforas congruentes*. Assim, Matsuki (1995) observa que todas as metáforas para raiva em inglês são analisadas por Lakoff e Kövecses (1987) podem ser encontradas no japonês. Ao mesmo tempo, ela mostra que há muitos exemplos de expressões de raiva que se agrupam em torno do conceito de *hara* (barriga). Esse é um conceito culturalmente significativo e que é único na cultura japonesa, e assim também a metáfora conceitual RAIWA É (ESTÁ NA) BARRIGA limita-se ao japonês.

(b) *Metáforas alternativas* - Há alguns tipos diferentes de conceitualização por meio das línguas. No caso mais simples de metáforas inter-culturais

alternativas, é o caso em que o domínio fonte em uma língua é usado como domínio alvo específico em outra língua. Como exemplo, Lakoff e Johnson (1980) se referem a um estudante iraniano em Berkeley, que ficou surpreso ao ouvir que a expressão "a solução dos meus problemas". Para o americano, *solução* (fonte) se aplica a uma situação problemática; mas para o iraniano, a frase se aplicava a uma outra imagem metafórica, a de uma solução química (alvo).

Assim, os interactantes estão à mercê da cultura quando uma metáfora é criada e, por isso, segundo Gibbs (2011), essa criação não é deliberada, mas sim submetida a noções fortemente arraigadas no *enquadre mental* das pessoas como é o caso de cada cultura.

Por outro lado, Velasco-Sacritán (2010) propõe a hipótese de que as metáforas ideológicas resultam de metonímia e / ou sinédoque. Isso será feito dentro de um enquadre cognitivo-semântico. De acordo com a tese de Taylor (1995), todas as associações metafóricas são baseadas em metonímia e transmite a ideia de que há um continuum metáfora-metonímia com a noção intermediária de uma metáfora de base metonímica (DIRVEN, 1993; CROFT, 1993; BARCELONA, 2000A,B; RADDEN, 2000;). A metáfora é definida em termos de similaridade e a metonímia em termos de contiguidade (um termo um tanto vago para 'associação ou proximidade conceitual' (ULLMANN. 1967; LE GUERN, 1973; AARTS; ORTONY, 1979; SACKS, 1979; WEBER, 1988).

Com base nesse continuum, Velasco-Sacristán mostra que para uma metáfora ser entendida por uma comunidade ela deve estar ancorada em fato aceito culturalmente nesse meio, o que Quinn (1991) traduz - como visto acima - da seguinte forma: "as metáforas, longe de constituir o entendimento, são geralmente selecionadas para ajustar-se a um modelo pré-existente e culturalmente compartilhado". Essa contiguidade entre o fato metafórico e a cultura é feita, segundo proposta de Velasco-Sacristán, por meio da metonímia, justamente pela definição que assim a caracteriza.

1.8 A Ironia

Alguns linguistas, diz El Refaie (2005) observaram que a dissensão social é em geral articulada por meios semelhantes à linguagem dominante. O estudo da ‘anti-linguagem’, de Halliday (1978), por exemplo, que se originou de grupos socialmente excluídos tal como o submundo do crime, revela notável continuidade entre essas anti-linguagens e a linguagem da maioria, já que são partes do mesmo sistema social. Da mesma maneira, em sua análise do debate sobre a imigração e minorias na Bélgica, Blommaert e Verschueren (1998, apud EL REFAIE, 2005) chegaram à conclusão de que a auto-proclamada maioria tolerante na verdade apresenta o mesmo discurso da minoria racista, porque ambos não confiam na convivência da diversidade com a homogeneidade cultural.

O que dá à ironia seu potencial subversivo é o fato de que, enquanto um comentário irônico pode também estar intimamente relacionado a formas dominantes de falar sobre algum evento, ele simultaneamente vai além e subverte as próprias atitudes e opiniões que cita.

Segundo Burgers et al (2011), a ironia pode ser usada de vários modos. Alguns pesquisadores sugerem que a ironia envolva vários subtipos (GIBBS; COLSTON, 2007). Contudo, poucos estudos têm focalizado a ironia em uso, e os estudos que assim o fazem discordam sobre as distinções que podem ser feitas nos enunciados irônicos. Assim, Gibbs (2000) analisa a hipérbole, a jocosidade e os enunciados implícitos como subtipos de ironia, enquanto que Whalen et al (2009) afirmam que nenhum desses tipos de fala seja necessariamente irônico. Dado o fato de que a ironia é de uso relativamente frequente ($\pm 8\%$ dos turnos em conversa entre amigos (GIBBS, 2000); 7.4% de e-mails enviados para amigos (WARREN et al., 2009); 72.8% de blogs (WHALEN; PEXMAN; GILL; NOWSON, apud BURGERS et al, 2012), descobrir os modos pelos quais a ironia é usada em situações comunicativas é um dos maiores desafios da pesquisa nos estudos da ironia (GIBBS; COLSTON, 2007).

Burgers et al (2012) investigam o modo como a ironia é usada em situações comunicativas distintas na modalidade escrita, já que a maioria dos estudos sobre ironia em uso focaliza a comunicação falada (BRYANT et al, 2002; GIBBS, 2000). Essa distinção é importante porque a ironia pode diferir de modo sutil e importante entre a comunicação falada e a escrita. Por exemplo, em contraste com a ironia em

conversas (GIBBS, 2000), os escritores não podem "reparar" seus textos para melhor compreensão do leitor, se este não entender a ironia.

Além disso, a comunicação escrita também fornece uma boa maneira de usar a ironia em situações comunicativas diferentes: um enunciado irônico escrito é sempre produzido em um texto que, por sua vez, pertence a um gênero específico. Os diferentes gêneros envolvem suas características e expectativas próprias (p. ex., BIBER, 1993; STEEN, 1999 apud BURGERS et al, 2012) e a questão de o que é "linguagem típica" varia conforme o gênero.

Contudo, a definição de ironia está longe de ser estabelecida, dizem Burgers et al, e tem sido um tópico de muito debate entre os estudiosos (ATTARDO, 2000b; GRICE, 1978; GIORA, 1995; WILSON; SPERBER, 1992, e muitos outros, apud BURGERS et al, 2012). Em um estudo prévio, Burgers et al compararam as diferentes definições de ironia e descobriram que essas definições concordavam em cinco pontos, que, assim, podem diferenciar a ironia da não-ironia. Ela deve:

- (a) ser avaliativa;
- (b) ser baseada em incongruência entre o enunciado irônico e o co-texto ou contexto;
- (c) ser baseada em inversão da valência entre o literal e o significado pretendido;
- (d) visar algum alvo;
- (e) ser relevante para a situação comunicativa de algum modo (BURGERS et al, 2011).

Os fatores irônicos apresentam níveis que diferem de um enunciado irônico a outro. Assim, a ironia deve incluir a valência invertida, que pode ser alcançada de dois modos. É possível que o significado literal da ironia seja positivo (elogio: "Essa é uma boa ideia" se a ideia é pobre) ou negativo (depreciação: "essa é uma má ideia" se a ideia é muito boa). Isso significa que o fator da inversão da valência inclui sub-níveis de elogio ou de depreciação. Em outras palavras, embora qualquer enunciado irônico deva conter o inverso da valência avaliativa, a exata natureza dessa inversão pode variar de um enunciado irônico a outro.

1.9 Vozes

Para obter sintonia com o interlocutor no processo persuasivo, cabe considerar algumas questões como intertextualidade e vozes.

A noção de intertextualidade ampara a semântica textual porque os significados são construídos numa comunidade através da relação de produções escritas, que não podem ser explicitadas em um único ato de escrever, e porque todo texto constrói seu significado contra um pano de fundo de tipos de discursos regulares, recorrentes e reconhecíveis; de seu sistema típico de relações temáticas, seus gêneros e atividade de uso de língua (LEMKE, 1985a).

O contexto cultural (MALINOWSKI, 1923, 1935; HASAN, 1985b) deve ser representado não apenas por meio dos sistemas de recursos semióticos que nos dizem o que pode ser significado, mas também pela caracterização do que recorrentemente é significado: o dizer e o fazer texto após outro. Somente dessa forma é possível interconectar textos, contextos situacionais e sistemas mais amplos de atitudes, crenças, valores e opiniões de uma comunidade social real. Apenas desse modo a semiótica social da língua pode identificar o uso da língua como um modo de ação social significativo, e tomar seu lugar na semiótica social geral (LEMKE, 1986).

O conceito de heteroglossia (BAKHTIN, 1935; LEMKE, 1986) traz em evidência a diversidade social das práticas de fala dentro de qualquer comunidade. O sistema de intertextualidade é socialmente dinâmico: interesses sociais diversos e pontos-de-vista falam com vozes distintas, que proclamam diferentes proposições temáticas, atribuem avaliações diferentes, e usam gêneros característicos e atividades de fala diferentes. Em um mesmo contexto de situação, definido por Campo, Relações e Modo da análise de Registro, são encontrados textos dessas diferentes vozes: de diferentes classes, profissões, grupos de idade, visões filosófica e religiosa, opiniões políticas etc. (Cf. análise de Halliday (1978) de anti-linguagens e dialetos sociais.) Juntamente com essas vozes encontra-se uma variedade de práticas discursivas e metadiscursivas de aliança e de oposição, combinando-as e separando-as. Mesmo um texto que parece falar uma única voz, fala e é ouvido numa comunidade de muitas vozes e seu significado é feito em relação a elas. Muitas produções escritas combinam vozes analiticamente separáveis, o que ajuda a

construir visões múltiplas na comunidade a respeito das relações entre vozes. A semântica textual precisa ser analisada em termos da diversidade das vozes heteroglóssicas, que falam através do que foi escrito ou estão prontas para responder a ele, e o uso que o texto faz das práticas heteroglóssicas, que servem para construir as relações heteroglóssicas de aliança e oposição, e assim por diante entre as vozes.

A seguir, o Quadro 16, apresenta as teorias até aqui tratadas e em que se basearão as análises dos artigos.

Quadro 16 - Resumo das teorias apresentadas

Gênero	Modos Textuais	Metafunção Interpessoal
Estágios e Finalidades	Descrição-Narração-Argumento	Avaliatividade
Argumentação (i) Teoria de Toulmin: Reivindicação, Dados e Garantia (ii) Problema-Solução.		Outros recursos retóricos Metáfora e Ironia

Fonte: Silva (2014)

2 METODOLOGIA

Os textos *Bento, O Arregão* de Bárbara Gancia e *A arte de ser "ex"* de Pompeu de Toledo serão submetidos a duas análises: uma macroestrutural e outra microestrutural. A análise da macroestrutura dos artigos de opinião está pautada nas noções de Gênero - Estágios e Finalidades - que segue o modelo Problema-Solução de Hoey (1994) a teoria dos Modos Textuais - Descrição-Narração-Argumento de Reynolds (2000). Já a análise da microestrutura, baseia-se na Avaliatividade de Martin (2000), na metafunção Interpessoal de Halliday (2004) e nas Figuras de Línguagem Metáfora de Velasco-Sacristán (2005) e Ironia de El Refaie (2005). Estes aspectos linguísticos foram escolhidos porque revelam como a construção da persuasão ocorre em textos daquela natureza.

A seguir, encontra-se indicada a descrição dos dados que deverão ser examinados nesta pesquisa e, feito isso, haverá indicações sobre o modo como as análises serão feitas.

2.1 Dados

Serão analisados, como objeto de pesquisa, dois artigos de opinião, sendo um deles da jornalista Bárbara Gancia – do jornal *Folha de São Paulo* e o outro, do colunista Roberto Pompeu de Toledo – da *Revista Veja*.

Os textos de Bárbara Gancia e Roberto Pompeu de Toledo foram escolhidos devido, inicialmente, a particularidade de seus estilos. Gancia tende a fazer críticas explícitas em seus artigos de opinião. Já Toledo opta por utilizar linguagem mais implícita. Os textos selecionados para análise desta dissertação apresentam a mesma temática: a renúncia do papa Bento XVI.

O artigo “Bento, o Arregão”, de Bárbara Gancia, foi publicado no jornal *Folha de São Paulo*, no dia 15/02/2013 (com 605 palavras). O acesso online foi feito no dia 10.01.2014, em:

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/barbaragancia/1231017-bento-o-arregao.shtml>.

Bárbara Gancia nasceu em São Paulo, em 10 de outubro de 1957, tendo

começado sua carreira jornalística em 1983. Em 1984, Bárbara foi convidada para trabalhar no jornal Folha de São Paulo. Em seguida, trabalhou no jornal *O Estado de São Paulo*, no *Pasquim*, nas revistas *Vogue*, *Status* e *Elle*. Voltou para o jornal *Folha de São Paulo* em 1991, onde publica suas colunas às sextas-feiras, no caderno *Cotidiano* desde então. Bárbara também é apresentadora do canal Bandsports e colunista da Bandnews FM. Apresenta, também, o programa *Saia Justa*, na GNT. A sua área trata do comportamento humano e seu temperamento oscila entre o polêmico e o super explosivo, e no artigo “Bento, o Arregão”, a jornalista expõe a sua homossexualidade.

O site http://www.publicidade.folha.com.br/folha/perfil_do_leitor.shtml, acessado em 10.05.2014, disponibiliza alguns dados sobre o sexo, a faixa etária e a classe social de seus leitores. 53% dos leitores é do sexo masculino e 47% do feminino. 8% dos leitores tem de 10-17 anos; 13% 18-24 anos; 21%, 25-34 anos; 21%, 35-44 anos; 16%, 45-54 anos; 12%, 55-64 anos e 9% tem mais de 65 anos. 20% dos leitores pertence a classe A; 54%, classe B; 24%, classe C e 6%, classes D e E. Em Outubro de 2012, a circulação paga foi assim descrita: 321.535 exemplares (aos domingos). Nos dias úteis, o número foi de 297.927 exemplares.

O artigo “A arte de ser ‘ex’”, de Roberto Pompeu de Toledo, foi publicado na Revista *Veja*, no dia 26/02/2013 (com 787 palavras). O acesso foi feito em 10.01.2014, em

<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/roberto-pompeu-de-toledo-a-arte-de-ser-ex-sera-que-o-papa-montara-um-instituto-bento-16-viajara-pelo-mundo-fara-de-um-poste-seu-sucessor>

Roberto Pompeu de Toledo, nasceu em São Paulo, em 1944. Trabalhou por pouco tempo na Rádio Bandeirantes e depois na Rádio Eldorado, ambas em São Paulo. Atuou profissionalmente no *Jornal da Tarde* e em seguida, na *Revista Veja*. Teve uma rápida passagem pelo *Jornal da República* e *Revista Isto É*. Voltou para a *Veja* e decidiu sair novamente para ser o editor-executivo do *Jornal do Brasil*. Retorna à *Veja* pela terceira vez, sendo o editor da seção *Internacional*, editor-executivo e correspondente em Paris. Em 2007, foi editor especial da *Revista Veja*, onde escreve reportagens especiais e mantém uma coluna, publicada na última página, a cada dois números.

Segundo informações disponibilizadas no site da Editora Abril

(<http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais> - Acesso em 10.05.2014), o público alvo da *Revista Veja* está segmentado de acordo com as seguintes categorias: sexo, idade, classe social e região. 54% dos leitores é do sexo feminino e 46%, do masculino. Com relação a faixa etária dos leitores, a *Revista Veja* é lida por 3% de leitores entre 10-14 anos; 8% entre 15-19; 10% de 20-24 anos; 24% de 25-34 anos; 19% de 35-44 anos; 9% de 45 a 49 anos e leitores acima de 50 anos representam 27%. Baseado no critério Classe Social, observa-se que 20% dos leitores é da classe A; 50% da B; 27% da C e 0% da D. A região Sudeste concentra o maior número de pessoas que leem *Veja*: 57%. As demais regiões apresentam os seguintes números: Sul, 15%; Nordeste, 15%; Centro Oeste, 10% e Norte, 4%. Há 907.629 assinantes. O número de tiragem é de 1.149.287. O total de leitores é de 9.288.000.

2.2 Procedimentos de análise

A pesquisa, de cunho crítico, enfoca a persuasão no gênero artigo de opinião, com apoio na proposta da Teoria dos Modos Textuais e da Teoria de Toulmin, para a análise de gênero, e da Gramática Sistêmico-Funcional, que inclui a Avaliatividade e a Modalidade, e deverá responder às seguintes perguntas: (a) Como se constitui a estrutura de gênero em termos dos modos textuais, nos textos de Toledo e de Gancia? (b) Que tipo de persuasão - por convicção ou por sedução - prevalece nos textos de Toledo e de Gancia? (c) Qual é a função da Avaliatividade para a realização da persuasão nesses textos?

Os artigos de opinião selecionados seguem o esquema genérico, Problema-Solução, proposto por (HOEY, 1994; PORTA, 2002), composto por (a) Situação; (b) Problema; (c) Hipótese de Solução (ou de pontos de vista sobre a questão); (d) Argumentos em prol da Hipótese; e (e) Tese.

Essa estrutura argumentativa inclui elementos retóricos de persuasão – tanto via convicção quanto via sedução – um dos quais refere-se ao apoio dado pela narração e pela descrição, aos argumentos dos autores. Esses três Modos Textuais atuam em fusão linear ou em fusão escalada especialmente para articular a persuasão implícita que percorre o texto.

A persuasão – além de recorrer à influência do gênero e dos Modos Textuais – pode incluir-se no discurso com a participação da avaliação que é estudada na GSF com o nome de Avaliatividade, no interior da metafunção Interpessoal. A Avaliatividade refere-se à semântica da avaliação, ou seja, o modo como os interlocutores estão sentindo, os julgamentos que eles fazem e a apreciação de vários fenômenos de sua experiência, que, segundo Martin (2000) não havia sido tratada pela GSF. Assim, o autor examina o léxico avaliativo que expressa a opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau. O sistema de escolhas usado para descrever essa área de significado potencial é chamado *APPRAISAL* (doravante Avaliatividade) (sistemas em maiúsculas).

Dito isso, serão delineados, na sequência, os passos que serão seguidos para responder a essas perguntas:

- (a) os textos de Toledo e de Gancia serão analisados, segundo os estágios e finalidades do gênero "artigo de opinião", quando é examinada a contribuição dos modos textuais no processo persuasivo, envolvendo as funções da argumentação: hipótese, previsão e afirmação. Ao final da análise de cada estágio, é feita uma pequena discussão. (Veja exemplo.) Finalmente, após feita toda análise, segue-se uma discussão geral.

Textos	Estágios e Finalidades
<p>(1) <i>Fala a verdade: em latim? Mas justo o papa que abriu conta no Twitter, inaugurando uma via direta de comunicação com os fiéis, foi pedir demissão em uma língua morta, para que o menor número possível de pessoas na sala pudesse decifrar o que ele estava dizendo? Do que tinha medo</i>, de que alguém gritasse lá do fundo: "Schettino, tomi a bordo!", emaluso ao comandante do Costa Concordia que deu no pé enquanto seu navio naufragava?</p>	<p>Situação e Problema Papa incoerente e receoso.</p>
<p>Discussão: Bento 16 é caracterizado como incoerente e temeroso. Incoerente porque não utilizou o Twitter, como sempre fazia; e temeroso uma vez que recorreu ao latim para anunciar a sua renúncia. Para persuadir seus leitores sobre sua opinião, Gancia lança mão da narração (em itálico) de fatos conhecidos pelos leitores. Feito isso, tem o terreno preparado para emitir outra opinião (narração em fússão escalada com a argumentação – itálico negritado), uma Reivindicação sem Garantia, segundo Toulmin. Em sua caminhada persuasiva, Gancia aproveita-se de fato recente, que envolveu o navio Costa Concordia, insinuando a metáfora do comandante que abandona seu navio, colocando metonimicamente Bento 16 no papel do fujão.</p>	

- (b) a seguir, será efeito o exame das escolhas na micro-estrutura dos textos por meio da análise da Avaliatividade e da Modalidade (metafunção Interpessoal), incluindo tanto a metáfora quanto a ironia, como elementos

da persuasão que percorrem os artigos de opinião de Bárbara Gancia e Roberto Pompeu de Toledo. Ao final da análise de cada trecho, é feita uma pequena discussão. Finalmente, após feita toda análise, segue-se uma discussão geral. Como no exemplo a seguir.

Situação	
#1 Fala a verdade: em latim? Mas justo o papa que abriu conta no Twitter,	Julgamento(-) Julgamento(-) (↑)
Inaugurando uma via direta de comunicação com os fiéis,	Julgamento (+)
Foi pedir demissão em uma língua morta,	Apreciação(-)
para que o menor número possível de pessoas na sala	Avaliação Social (-) Graduação(↑)
<p>Discussão: Em tom Monoglóssico, Gancia trata da renúncia de Bento XVI, recorrendo à Avaliatividade prosódica (soma das avaliações) de Julgamentos negativos (6), na maioria explícitos, para condenar a atitude do papa. Há dois <i>tokens</i>, ou seja, situações que só são percebidas como negativas dentro da prosódia que se estende pelo trecho. Ainda, há Apreciações Negativas (2) e Avaliações Sociais (2). Assim, com o intuito de intensificar o tom persuasivo, ela traz uma voz de apoio à sua opinião, a do chefe do comandante do Costa Concordia. Ao mesmo tempo, o episódio remete a uma tragédia ainda candente na memória da grande maioria dos leitores, lançando mão de uma metáfora: a fonte são os naufragos; o alvo são os católicos, que são assim relacionados pela efeito metonímico com base no conhecimento contido no <i>frame</i>.</p>	

- (c) Seguem-se as análises com uma Discussão Geral, reunindo as análises em (a) e (b).
- (d) Por fim, será feita uma comparação dos textos dos dois autores.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Será apresentado o contexto situacional dos artigos, por meio das variáveis de Registro: Campo (o que está acontecendo), Relações (o que está envolvido em quais relações) e Modo (o papel da linguagem). Essa fase é crucial, segundo Goatly (1997), pois a descrição do contexto situacional contribui para diminuir a interpretação, em especial, da Avaliatividade implícita.

Campo: Renúncia do papa Bento 16.

Relação: Bárbara Gancia escreve para o jornal *Folha de São Paulo* e Roberto Pompeu de Toledo escreve para a *Revista Veja*.

Modo: Artigos de opinião, publicados em jornal, revista e também na Internet.

3.1 *Bento, o Arregão*, de Bárbara Gancia

Antes de dar início à análise, segue, na íntegra, o texto da jornalista da Folha de São Paulo, publicado em 15 de fevereiro de 2013.

<p>Texto na íntegra</p> <p style="text-align: center;"><i>Bento, o Arregão</i>⁴</p> <p style="text-align: right;">Bárbara Gancia (FSP 15/02/13)</p>
<p>Fala a verdade: em latim? Mas justo o papa que abriu conta no Twitter, inaugurando uma via direta de comunicação com os fiéis, foi pedir demissão em uma língua morta, para que o menor número possível de pessoas na sala pudesse decifrar o que ele estava dizendo? Do que tinha medo, de que alguém gritasse lá do fundo: "Schettino, torni a bordo!", em alusão ao comandante do Costa Concordia que deu no pé enquanto seu navio naufragava?</p> <p>Está certo que até o exorcista-chefe do Vaticano, monsenhor Gabriele Amorth (pois é, desdenham de Tupã e tem um espanta chifrado de plantão), no cargo há 25 anos, andou dizendo que "o Diabo age dentro do Vaticano".</p> <p>Já faz tempo que o inquilino mudou-se para lá. Não foi pouco escândalo a quebra fraudulenta do Ambrosiano em 1982, banco do qual o Vaticano era sócio, e que deixou um rombo de US\$ 1 bilhão, um banqueiro encontrado enforcado em uma ponte de Londres e um mafioso envenenado na prisão.</p>

⁴ GANCIA, Bárbara. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/barbaragancia/1231017-bento-o-arregao.shtml> Acesso em 10.01.2014

Agora é a vez do "Vatileaks", padres pedófilos e um rombo de US\$ 18,4 milhões nos cofres da igreja. E vem o papa lavar roupa suja no seu último dia de missa e querer nos convencer de que está muito cansado para continuar. Sinto muito, mas derrotismo por parte de quem deveria zelar por um rebanho de mais de 1 bilhão de fiéis tem limite.

E o poder simbólico da resiliência? Que mensagem de perseverança Bento 16 nos deixa? Muito conveniente exigir todo tipo de sacrifício do fiel e depois exibir publicamente tamanha frouxidão. Camarada não só abandona o voto feito (que deve ter sido bem ponderado, posto que João Paulo 2º não morreu exatamente do dia para a noite) como sai de cena mordido. Isso sim é intelectual. Que gosto!

E o pessoal ainda exalta seu gesto. "Nossa, que exemplo, que humildade!" Vem cá, será que alguém se lembra de que Cristo padeceu na cruz para salvar, entre outros, um certo religioso que ora aponta seu dedinho trêmulo e besunto de superioridade moral para falar em "hipocrisia religiosa"?

Sobre o tópico hipocrisia, vale lembrar, em vez de entregar os casos à justiça comum, o então arcebispo Joseph Ratzinger, que durante 23 anos comandou a Congregação para a Doutrina da Fé, entidade encarregada, entre outros, de investigar os crimes cometidos por padres, remanejou párocos que voltaram a repetir as mesmas ofensas contra novas vítimas, deixou famílias sem resposta ou indenização e simplesmente anistiou religiosos implicados em crimes.

A relação de confiança entre católicos e párocos ficará para sempre abalada por conta dessa política de abafa. E a questão indenizatória está longe de ser resolvida.

O antecessor de Bento, João Paulo, era um misógino que se autoflagelava para expiar suas culpas. Dificilmente um exemplo de equilíbrio, diria. Do jeito que esses senhores colocam, ou bem se é católico ou se é humano.

Bem, pessoalmente, opto por ser fiel a mim, da forma mais digna e transparente possível, caminhando no sentido contrário das farsas, da impostura e das trevas que me foram impostas pela herança de uma educação católica. O que significa impedir que esses malucos de batina queiram me afastar de Cristo sentenciando que minha homossexualidade não se encaixa no conceito que eles fazem de amor.

Na teoria, a prática é outra. Um sujeito que tanto pregou o resgate de valores tradicionais sai sob uma das bandeiras menos edificantes da contemporaneidade: a da transitoriedade que a tudo achata e iguala. E o exemplo de que, mesmo em tempos da transparência da internet, ainda há quem tome o caminho medieval de agir às escuras. Já vai tarde, Bento 16.

3.1.1 Bento, o Arregão: Análise de Gênero e de Modos Textuais

A análise de gênero será feita da seguinte maneira: à esquerda, o texto, dividido em estágios e, à direita, a descrição da finalidade de cada estágio. O Quadro 17 traz a codificação que deve ser seguida na análise.

Quadro 17 - Código para a análise

Descrição	<u>Sublinhado</u>
Narração	<i>Itálico</i>
Argumentação	Negrito

Gênero e Modos Textuais	Estágios e Finalidades
<p style="text-align: center;">Bento, o Arregão</p> <p style="text-align: center;">Bárbara Gancia (FSP 15.02.2013)</p>	Título / Autoria
<p>Discussão: Ao usar <i>Bento</i> no lugar de <i>Bento XVI</i>, Gancia demonstra excessiva informalidade para tratar do assunto. Além disso, <i>Arregão</i>, é outro termo que indica linguagem coloquial. O título, no contexto em que foi escrito o artigo, antecipa o tema do texto e manifesta, de forma explícita, o posicionamento da jornalista face à renúncia de Bento XVI.</p>	
<p>(1) <i>Fala a verdade: em latim? Mas justo o papa que abriu conta no Twitter, inaugurando uma via direta de comunicação com os fiéis, foi pedir demissão em uma língua morta, para que o menor número possível de pessoas na sala pudesse decifrar o que ele estava dizendo? Do que tinha medo</i>, de que alguém gritasse lá do fundo: "Schettino, torni a bordo!", em alusão ao comandante do Costa Concordia que deu no pé enquanto seu navio naufragava?</p>	<p>Situação e Problema Papa incoerente e receoso.</p>
<p>Discussão: Bento 16 é caracterizado como incoerente e temeroso. Incoerente porque não utilizou o Twitter, como sempre fazia; e temeroso uma vez que recorreu ao latim para anunciar a sua renúncia. Para persuadir seus leitores sobre sua opinião, Gancia lança mão da narração (em itálico) de fatos conhecidos pelos leitores. Feito isso, tem o terreno preparado para emitir outra opinião (narração em fusão escalada com a argumentação – itálico negrito), uma Reivindicação sem Garantia, segundo Toulmin. Em sua caminhada persuasiva, Gancia aproveita-se de fato recente, que envolveu o navio Costa Concordia, insinuando a metáfora do comandante que abandona seu navio, colocando metonimicamente Bento 16 no papel do fujão.</p>	
<p>(2) <i>Está certo que até o exorcista-chefe do Vaticano, monsenhor Gabriele Amorth (pois é, desdenham de Tupã e têm um espanta</i></p>	<p>Hipótese O Diabo no Vaticano</p>

<p><u>chifrado de plantão), no cargo há 25 anos, andou dizendo que "o Diabo age dentro do Vaticano".</u></p>	
<p>Discussão: “Está certo”, opinião de Gancia, apoia-se em trechos narrativos e descritivos, com base em uma autoridade no Vaticano, o que dá apoio ao pronunciamento de le: o Diabo age dentro do Vaticano.</p>	
<p>(3) <u>Já faz tempo que o inquilino mudou-se para lá. Não foi pouco escândalo a quebra fraudulenta do Ambrosiano em 1982, banco do qual o Vaticano era sócio, e que deixou um rombo de US\$ 1 bilhão, um banqueiro encontrado enforcado em uma ponte de Londres e um mafioso envenenado na prisão.</u></p>	<p>Argumento (1) Escândalos no Vaticano</p>
<p>Discussão: Para apresentar dados que confirmem a sua Reivindicação - de que o Vaticano tornou-se a moradia do diabo - a autora aponta diversos escândalos que têm envolvido o Vaticano, e o faz por meio de narração em fusão linear com a descrição, de situações de pleno conhecimento do mundo inteiro. Assim, Gancia, por meio do que se chama de “crypto-argumentação” (argumentação secreta) expressa seu primeiro argumento em prol da decadência moral do Vaticano.</p>	
<p>(4) <u>Agora é a vez do "Vatileaks", padres pedófilos e um rombo de US\$ 18,4 milhões nos cofres da igreja. E vem o papa lavar roupa suja no seu último dia de missa e querer nos convencer de que está muito cansado para continuar. Sinto muito, mas derrotismo por parte de quem deveria zelar por um rebanho de mais de 1 bilhão de fiéis tem limite.</u></p>	<p>Argumento (2) Derrotismo de Bento 16</p>
<p>Discussão: Neste estágio, Gancia relaciona os escândalos à figura do papa, que tenta abafar o que já está evidente. Seu segundo argumento já apresenta seu posicionamento (negrito) mais consistentemente do que nos estágios anteriores, pois o terreno (o leitor) já está preparado para receber avaliações mais explícitas.</p>	

<p>(5) E o poder simbólico da resiliência? Que mensagem de perseverança Bento 16 nos deixa? Muito conveniente exigir todo tipo de sacrifício do fiel e depois exibir publicamente tamanha frouxidão. Camarada não só abandona o voto feito (que deve ter sido bem ponderado, posto que João Paulo 2º não morreu exatamente do dia para a noite) como sai de cena mordido. Isso sim é intelectual. Que gosto!</p>	<p>Argumento (3) Falta de resiliência do papa</p>
<p>Discussão: Como seu terceiro argumento, Gancia traz o fator “ausência de resiliência”, o outro lado do derrotismo já mencionado. A autora se faz presente por meio do argumento (negrito) e do argumento em fusão escalada com a descrição (negrito + sublinhado) nos ataques diretos que faz à postura de Bento 16.</p>	
<p>(6) E o pessoal ainda exalta seu gesto. "Nossa, que exemplo, que humildade!" Vem cá, será que alguém se lembra de que Cristo padeceu na cruz para salvar, entre outros, um certo religioso que ora aponta seu dedinho trêmulo e besunto de superioridade moral para falar em "hipocrisia religiosa"?</p>	<p>Argumento (4) A cegueira do povo e a hipocrisia do papa</p>
<p>Discussão: Seu quarto argumento insinua que o Vaticano, na pessoa do papa, pode enganar o povo, usando da “hipocrisia religiosa”. Pode-se entrever aqui um ataque à própria religião católica, que cegaria os fiéis, com seus preceitos e dogmas.</p>	
<p>(7) Sobre o tópico hipocrisia, vale lembrar, em vez de entregar os casos à justiça comum, o então arcebispo Joseph Ratzinger, que durante 23 anos comandou a Congregação para a Doutrina da Fé, entidade encarregada, entre outros, de investigar os crimes</p>	<p>Argumento (5) Exemplo concreto da hipocrisia da Igreja</p>

<p>cometidos por padres, remanejou párocos que voltaram a repetir as mesmas ofensas contra novas vítimas, deixou famílias <u>sem resposta ou indenização</u> e simplesmente anistiou religiosos <u>implicados em crimes</u>.</p>	
<p>Discussão: Gancia argumenta em favor de seu ponto de vista, de que o próprio papa age de maneira hipócrita, já que esconde criminosos sob o tapete. Tais infratores reincidiram em seus atos hediondos. O estágio apresenta concretamente a hipocrisia mencionada anteriormente e, para tanto, apoia-se quase que inteiramente em descrição e narração, em fusão linear, sugerindo, no entanto, que o argumento, aqui, atua subjacentemente no processo persuasivo.</p>	
<p>(8) A relação de confiança entre católicos e párocos <u>ficará para sempre abalada por conta dessa política de abafa. E a questão indenizatória está longe de ser resolvida.</u></p>	<p>Avaliação A desconfiança do povo</p>
<p>Discussão: A série de argumentos apresentada pela autora mostra a hipocrisia do Vaticano e envolve diretamente a figura do papa. Isso faz encaminhar naturalmente para consequência final, ou seja, a desconfiança dos católicos em relação à própria religião, pois o diabo estaria presente no Vaticano.</p>	
<p>(9) O antecessor de Bento, João Paulo, era um misógino <u>que se autoflagelava para expiar suas culpas. Dificilmente um exemplo de equilíbrio, diria. Do jeito que esses senhores colocam, ou bem se é católico ou se é humano.</u></p>	<p>Argumento (6) Católico X Humano</p>
<p>Discussão: A realidade para a autora é de que a religião católica não condiz com a natureza humana. Para tanto, Gancia coloca seus argumentos em fusão escalada com narração e descrição de fatos, de tal forma que – por vezes – é difícil distinguir um modo textual de outro. Assim é, por exemplo, em: “um exemplo de equilíbrio”, uma fusão escalada entre descrição e argumentação, já que, embora</p>	

<p>“exemplo” se apoie no comportamento de João Paulo, “equilíbrio” pode ser meramente uma avaliação da autora. A questão é que, a avaliação, assim, em fusão, acaba sendo mais fácil de ser aceita pelo leitor.</p>	
<p>(10) Bem, pessoalmente, opto por ser fiel a mim, da forma mais digna e transparente possível, caminhando no sentido contrário das farsas, da impostura e das trevas que me foram impostas pela herança de uma educação católica. O que significa impedir que esses malucos de batina queiram me afastar de Cristo sentenciando que minha homossexualidade não se encaixa no conceito que eles fazem de amor.</p>	<p>Avaliação A escolha da autora</p>
<p>Discussão: A religião católica é uma farsa: condena o que é humano porque te, como parâmetro os rigores que impõe, rigores esses que tampouco a própria Igreja é capaz de respeitar. Contando com a aquiescência do leitor – após a série de argumentos que expõe – Gancia toma todo o estágio para expor seus argumentos, que vêm em fusão linear ou escalada com os demais modos textuais.</p>	
<p>(11) Na teoria, a prática é outra. Um sujeito que tanto pregou o resgate de valores tradicionais sai sob uma das bandeiras menos edificantes da contemporaneidade: a da transitoriedade que a tudo achata e iguala. E o exemplo de que, mesmo em tempos da transparência da internet, ainda há quem tome o caminho medieval de agir às escuras. Já vai tarde, Bento 16.</p>	<p>Avaliação Bento 16 não fará falta</p>
<p>Discussão: Neste estágio avaliativo, Gancia deixa claro que o Vaticano está não só mergulhado em trevas medievais, como também está defasado para gerenciar a direção espiritual do mundo contemporâneo. Assim, um papa conivente com tais situações, não fará falta ao Vaticano.</p>	

3.1.1.1 *Bento, o Arregão: Discussão da Análise de Gênero e de Modos Textuais*

A análise de gênero mostra-nos que o artigo de opinião, *Bento, o Arregão*, está dividido nos seguintes estágios, com as respectivas finalidades, seguindo o modelo Problema-Solução, proposto por Hoey (1994) e por Porta (2002), para o texto argumentativo, conforme mostra o Quadro 18.

Quadro 18 – Argumentação em Bento, o Arregão

ESTAGIO	FINALIDADE	DESCRIÇÃO
1º	Situação/Problema	Papa incoerente e receoso
2º	Hipótese	O Diabo no Vaticano
3º	1º. Argumento	Escândalos no Vaticano
4º	2º. Argumento	Derrotismo de Bento 16
5º	3º. Argumento	Falta de resiliência do papa
6º	4º. Argumento	A cegueira do povo e a hipocrisia do papa
7º	5º. Argumento	Exemplo concreto da hipocrisia da Igreja
8º	Avaliação	O povo desconfia da Igreja
9º	6º. Argumento	Ser católico X Ser humano
10º	Avaliação	A escolha da autora
11º	Avaliação	Bento 16 (e o Vaticano) não fazem falta

Após introduzir a figura de Bento 16, como um papa frágil, que renuncia ao seu cargo, Gancia apresenta sua hipótese para a atual situação do Vaticano: o templo católico tornou-se na morada do Demônio.

Para demonstrar sua tese, a autora tece seis argumentos, em que discorre sobre os escândalos que têm manchado a reputação do Vaticano. Para sustentar sua argumentação, a autora recorre ao modelo de argumento de Toulmin (2003), ou seja, ela utiliza narrações e descrições - Dados e Garantias - de fatos fartamente publicados na mídia - situações verificáveis - para fortalecer os seus argumentos - Reivindicações - e persuadir o leitor de que a sede da Igreja Católica como um todo - padres e o próprio papa - não tem condições de guiar os fiéis de todo mundo.

O Vaticano, uma instituição acusada de toda sorte de desmandos, mas abafados sob um véu de hipocrisia, transparece nas atitudes incoerentes e temerosas do papa. Em lugar de apontar o dedo na ferida, trazer os réus a público e tentar

recuperar os valores espirituais há muito perdidos, Bento 16 não passa de um derrotado, sem a resiliência que deveria caracterizar um sumo pontífice.

Finaliza mostrando que, por tudo que a Igreja tem demonstrado, pelas crenças que prega, pela hipocrisia e, principalmente, pela discriminação que apoia, é impossível para um ser humano ser católico. Deus não está mais no Vaticano, mas o Diabo.

3.1.2 Bento, o Arregão: Análise de Modalidade e de Avaliatividade

A análise da Modalidade e da Avaliatividade (explícita e implícita) será feita da seguinte maneira:

- (a) na primeira linha, um trecho do artigo em que a Modalidade está indicada com colchetes e a Avaliatividade em negrito e sublinhado, indicada com (+) ou (-), se positiva ou negativa, respectivamente; a Graduação está indicada com (↑) ou (↓), se forte ou fraca, respectivamente;
- (b) após cada estágio, é feita a Discussão da análise realizada.
- (c) finalmente, será feita uma Discussão Geral da Análise.

O Quadro 8 é repetido aqui para facilitar o acompanhamento da análise.

Quadro 8 - Recursos de Avaliatividade

AVALIATIVIDADE	COMPROMISSO	monoglóssico [declaração sem negociação] heteroglóssico [declaração com negociação]	
	ATTITUDE	Afeto Julgamento Apreciação Avaliação Social	
	GRADUAÇÃO	FORÇA	aumenta [<i>completamente devastado</i>] diminui [<i>um pouco chateado</i>]
		FOCO	aguça [<i>um policial de verdade</i>] suaviza [<i>cerca de quatro pessoas</i>]

Fonte: Martin (2000)

Bento, o Arregão

Bárbara Gancia (FSP: 15.02.2013)

Situação

#1 Fala a verdade: em latim? Mas justo o papa que abriu conta no Twitter,
 Julgamento(-) Julgamento(-) (↑)

Inaugurando uma via direta de comunicação com os fiéis,
 Julgamento (+) *token*

Foi pedir demissão em uma língua morta,
 Apreciação(-)

para que o menor número possível de pessoas na sala
 Avaliação Social (-) (↑)

pudesse decifrar o que ele estava dizendo?
 Avaliação Social(-)

Do que tinha medo, de que alguém gritasse lá do fundo:
 Julgamento(-)

"Schettino, torni a bordo!", em alusão ao **comandante do Costa Concordia**
 Julgamento (-) *token* Julgamento(-)

que deu no pé enquanto seu navio naufragava?
 Julgamento(-) Apreciação(-)

Discussão: Em tom Monoglóssico, Gancia trata da renúncia de Bento XVI, recorrendo à Avaliatividade prosódica (soma das avaliações) de Julgamentos negativos (6), na maioria explícitos, para condenar a atitude do papa. Há dois *tokens*, ou seja, situações que só são percebidas como negativas dentro da prosódia que se estende pelo trecho. Ainda, há Apreciações Negativas (2) e Avaliações Sociais (2). Assim, com o intuito de intensificar o tom persuasivo, ela traz uma voz de apoio à sua opinião, a do chefe do comandante do Costa Concordia. Ao mesmo tempo, o episódio remete a uma tragédia ainda candente na memória da grande maioria dos leitores, lançando mão de uma metáfora: a fonte são os naufragos; o alvo são os católicos, que são assim relacionados pela efeito metonímico com base

no conhecimento contido no *frame*.

Problema

#2 Está certo que até o **exorcista-chefe** do Vaticano, monsenhor Gabriele Amorth

Avaliação Social (-)

(pois é, **desdenham de Tupã** e têm um **espanta chifrado de plantão**),

Avaliação Social (-)

Avaliação Social (-)

no cargo há 25 anos, andou dizendo que "**o Diabo** age dentro do Vaticano".

Julgamento (-) ↑

Avaliação Social (-)

Discussão: A autora, na sua trajetória persuasiva contra o catolicismo, apoia-se na voz de uma autoridade eclesiástica para insinuar a existência do próprio Diabo nas dependências do Vaticano, utilizando-se, assim, de uma metáfora, que faz relembrar comportamento degradante de muitos religiosos. As avaliações negativas - Avaliação Social (4) e Julgamento (1) - servem como pilares de sustentação da ironia empregada por Gancia na sua tentativa de mostrar a situação de total incoerência que marca a pregação feita na Igreja católica.

1º. Argumento

#3 Já [faz tempo] que o **inquilino mudou-se para lá**.

Mod:Frequência Avaliação Social (-)

Não foi pouco escândalo a quebra fraudulenta do Ambrosiano em 1982,

Avaliação Social (-) ↑

banco do qual o Vaticano era sócio, e que deixou **um rombo de US\$ 1 bilhão**,

Avaliação Social (-) ↑

um banqueiro encontrado enforcado em uma ponte de Londres

Avaliação Social (-)

e **um mafioso envenenado na prisão**.

Avaliação Social (-)

Discussão: Para provar que, de fato, o demônio instalou-se no Vaticano, Gancia apela para o *frame* do leitor, enumerando fatos de Avaliação Social negativa (5), explorados fartamente pela mídia em recente data. As avaliações têm como meta não só atingir Bento XVI, mas o próprio Vaticano, daí serem Avaliações Sociais.

2º Argumento

#4 Agora é a vez do "**Vatileaks**", **padres pedófilos**

Avaliação Social (-) Julgamento (-)

e um **rombo de US\$ 18,4** milhões nos cofres da igreja.

Avaliação Social (-)↑

E vem o papa **lavar roupa suja** no seu último dia de missa

Julgamento (-)

e querer nos convencer de que está muito **cansado** para continuar.

Julgamento (-)

Sinto muito, mas **derrotismo** por parte de quem [deveria] zelar

Afeto (-)

Obrigaçāo

por um **rebanho** de mais de 1 bilhão de fiéis tem limite.

Avaliação Social (-) *token*

Discussão: Gancia, em seu segundo argumento, repleto de Avaliatividade negativa - Avaliações Sociais (3), Julgamentos (3) e Afeto (1) - continua a enumerar os desmandos que têm assolado o Vaticano. Esse panorama denuncia a fraca liderança de Bento XVI, que abandona seu rebanho – cujo número, positivo em outras circunstâncias, torna-se negativo neste contexto - exatamente em um momento em que dele mais necessita a Igreja Católica. A escolha da metáfora *rebanho* para nomear os fiéis reforça o caráter de abandono, já insinuado anteriormente, com referência ao naufrágio do navio italiano. Gancia escolhe o termo Vatileaks (*Vati* se refere ao Vaticano e *leaks* corresponde a vazamentos de informações) para fazer menção aos escândalos encobertos pela Igreja.

3º Argumento

#5 **E o poder simbólico da resiliência?**

Julgamento (-)

Que mensagem de perseverança Bento 16 nos deixa?

Julgamento (-)

Muito conveniente exigir todo tipo de sacrifício do fiel

Julgamento (-)

e depois exibir publicamente tamanha frouxidão.

Julgamento (-)

Camarada não só abandona o voto feito

Julgamento (-)

(que [deve] **ter sido bem ponderado,**

Mod. obrigação Julgamento(-) *token*

posto que João Paulo 2º **não morreu exatamente do dia para a noite**)

Julgamento (-) *token*

como sai de cena mordido.

Julgamento (-)

Isso sim é intelectual. Que gosto!

Julgamento (-) *token*

Discussão: O estágio inicia-se com uma pergunta retórica, cuja resposta é, por isso, óbvia. Gancia, agora, afasta-se do tom monoglóssico e da Avaliatividade explícita, e lança mão de *tokens* (Avaliatividade implícita) de Atitude, com vários Julgamentos negativos (9) referentes ao comportamento de Bento XVI, o que cria o tom de ironia que o texto passa a assumir. A ironia é a melhor linguagem para expressar o dissenso, ela subverte as próprias atitudes e opiniões que cita.

4º Argumento

#6 **E o pessoal ainda exalta seu gesto.**

Avaliação Social (-) *token*

"Nossa, que exemplo, que humildade!"

Julgamento (-) *token*

Vem cá, será que alguém se lembra de que Cristo padeceu na cruz para salvar,
Julgamento (+)

entre outros, um certo religioso que ora **aponta seu dedinho trêmulo**
Julgamento (-)

e besunto de superioridade moral para falar em "hipocrisia religiosa"?
Julgamento (-)

Discussão: Gancia prossegue com os *tokens* e Avaliações Negativas - Avaliação Social (1) e Julgamentos (3). A autora estende sua crítica ao povo – em sua veneração cega ao papa – e reitera as perguntas retóricas, deixando a cargo do leitor as respostas de crítica ao papa, instigadas pela metáfora que atribui ao papa uma mente entuosa e obscura. Ainda, utiliza Apreciação Positiva (1) para contrastar com o comportamento de Bento XVI.

5º Argumento

#7 Sobre o tópico hipocrisia, vale lembrar, **em vez de entregar**
Julgamento (-)

os casos à justiça comum, o então arcebispo Joseph Ratzinger,
Julgamento (-)

que durante 23 anos comandou a Congregação para a Doutrina da Fé,
Avaliação Social (-)

entidade encarregada, entre outros, de investigar os crimes cometidos
Avaliação Social (-)

por padres, remanejou **párocos que voltaram a repetir as mesmas ofensas**
Julgamento (-) Julgamento (-)

contra novas vítimas, deixou famílias sem resposta ou indenização e
Julgamento (-)

simplesmente anistiou religiosos implicados em crimes.
Julgamento (-)

Discussão: Gancia, após lançar críticas à pessoa do papa e à passividade do povo,

passa a mostrar as consequências de atos passados de Bento XVI, que, por um longo período em cargo de comando, foi cúmplice de crimes praticados por seus colegas de batina, e o faz por meio da Avaliatividade negativa explícita, em tom monoglóssico. Há Julgamentos Negativos (6) e Avaliações Sociais (2). Tal Avaliatividade que percorre o estágio em toda a extensão pode fazer inferir que o papa foi obrigado a demitir-se devido ao peso da culpa que lhe vergava seus ombros.

6º Argumento

#8 O antecessor de Bento, **João Paulo, era um misógino**

Julgamento (-)

que se autoflagelava para **expiar suas culpas**.

Julgamento (-) token

Dificilmente um **exemplo de equilíbrio**, diria.

Julgamento (-)

Do jeito que esses senhores colocam, ou bem se é católico ou se é humano.

Avaliação Social (-)

Discussão: Gancia menciona outro papa, caracterizado com Julgamentos negativos (3), na tentativa de demonstrar que os líderes religiosos não podem servir de exemplo para os fiéis. Há Avaliação Social Negativa (1). Para a colunista, se a situação que permeia o meio católico, é a que se refletida nas figuras dos seus desequilibrados dirigentes, católico será aquele que se alia ao Diabo, que invadiu o Vaticano.

Avaliação

#9 **A relação de confiança entre católicos e párocos ficará para [sempre]**

Avaliação Social (-)

Mod. Frequência

abalada por conta dessa política de abafa.

Avaliação Social (-)

E a questão indenizatória está longe de ser resolvida.

Avaliação Social (-)

Discussão: Gancia, tendo relacionado fatos de Avaliação Social negativa (3), de pleno conhecimento da maioria dos leitores, senão todos, aproxima-se de sua hipótese inicial – o Diabo no Vaticano – que fará o povo afastar-se para sempre da Igreja.

7º Argumento

#10 Bem, pessoalmente, opto por **ser fiel a mim**,

Julgamento (+)

da **forma mais digna e transparente** [possível],

Julgamento (+) ↑

Modalização

caminhando no sentido contrário das **farsas, da impostura e**

Julgamento (+)

Apreciação (-)

das trevas que me foram impostas pela **herança de uma educação católica**.

Apreciação (-)

Avaliação Social (-) *token*

O que significa impedir que **esses malucos de batina**

Julgamento (-)

queiram me afastar de Cristo sentenciando que minha homossexualidade

Julgamento (-)

não se encaixa no conceito que eles fazem de amor.

Apreciação (-)

Discussão: Consequentemente, a autora faz concluir que, diante dos desmandos acobertados pela Igreja (marcados por Avaliatividade negativa - Julgamentos Negativos (2), Apreciações Negativas (2)), esta – que assim toma a forma do Diabo - não teria competência para julgar seus fiéis. Há Julgamentos positivos (3) para apontar o posicionamento da autora, de que seu comportamento é mais adequado do que o de Bento XVI.

Avaliação

#11 Na teoria, a prática é outra. **Um sujeito que tanto pregou**

Julgamento (-) token

o resgate de valores tradicionais sai sob uma das bandeiras

Apreciação (+)

menos edificantes da contemporaneidade: a da transitoriedade

Apreciação (-)

que a tudo achata e iguala. E o exemplo de que,

Apreciação (-)

mesmo em tempos da transparência da Internet, ainda há quem tome

Apreciação (+)

o caminho medieval de agir às escuras. Já vai tarde, Bento 16.

Apreciação (-)

Julgamento (-)

Discussão: Há Apreciações positivas (2) e Apreciações negativas (3). Além disso, há Julgamentos Negativos (2). Gancia retorna o fato que iniciou o artigo – o modo sub-reptício como foi feita a comunicação de demissão pelo papa – para reforçar a ideia de obscuridade, de falta de transparência na Igreja católica. Justamente em uma entidade que não deveria temer nada, porque é abençoada por Cristo. E se esses escândalos, esses crimes, acontecem, só há uma explicação: o Diabo já tomou conta do lugar.

3.1.2.1 Bento, o Arregão: Discussão da Análise de Modalidade e de Avaliatividade

Gancia tece um texto persuasivo em tom monoglóssico, já que adota um posicionamento que reconhece apenas uma única visão de mundo e conta com pouco uso de modalizações. A argumentação está amarrada em fatos já bastante conhecidos, pois foram vastamente divulgados pela mídia. A autora se apoia, assim, em um leitor ativo que contribui com seu próprio conhecimento de mundo para emprestar coerência ao texto. A sua hipótese, diante de inúmeros escândalos e crimes encobertos pelos padres, é de que Vaticano tem entre seus habitantes o

Demônio. Para demonstrar essa hipótese, a autora vale-se de um texto pleno de Avaliatividade negativa, explícita ou implícita. Tais dispositivos linguísticos constroem gradualmente uma imagem profundamente persuasiva da atual situação do centro espiritual do catolicismo. O tom geral de ironia converte situações que em outras circunstâncias seriam avaliadas positivamente, mas que no contexto geral são sentidas como negativas, processo conhecido como prosódia Martin (1992), a Avaliatividade construída ao longo do texto. Para tanto, lança mão, também, de metáforas, que remetem o leitor a casos de escândalos que assombraram o mundo todo.

Charteris-Black (2004) atesta que a metáfora está associada à articulação de pontos de vista e também à forma que o interlocutor se sente a respeito deles. Ao aplicar termos como *rebanho*, *espanta chifrado*, *Vatileaks*, Gancia convida o seu leitor a participar de um ato interpretativo que será bem sucedido se o leitor conseguir captar a mensagem que subjaz as metáforas.

A colunista da *Folha* se vale da Ironia porque esta também possui caráter avaliativo e consequentemente persuasivo. Além disso, de acordo com Burgers et al (2011), a ironia precisa visar algum alvo e ser relevante para a situação comunicativa de alguma maneira. Um exemplo disso é o trecho "*Isso sim é intelectual. Que gosto!*" que critica o comportamento de Bento XVI.

Dessa forma, Gancia por meio de persuasão que recorre tanto à emoção quanto à cognição, tenta provar que, perante as circunstâncias que tendem a mostrar a presença do Diabo no Vaticano, a Igreja não tem condições de ditar normas aos seus fiéis. Tanto é assim que os ensinamentos da Santa Sé não coadunam com a natureza humana.

Na sequência, será analisado o segundo artigo de opinião, sobre mesma temática. O título é *A arte de ser 'ex'*, de Roberto Pompeu de Toledo.

3.2 Análise de Gênero de *A arte de ser 'ex'*, de Roberto Pompeu de Toledo

O texto publicado na Revista *Veja*, no dia 26 de fevereiro de 2013, será apresentado na íntegra, antes de iniciar a análise de gênero textual e dos modos textuais.

Texto na íntegra

A arte de ser "ex"⁵

Roberto Pompeu de Toledo (FSP 26/02/13)

A renúncia de Bento 16 trará a novidade da figura de um ex-papa em nosso mundo. Até a expressão soa estranha. Fazem parte da vida contemporânea ex-presidentes, ex-primeiros-ministros e até ex-reis (como tantos destronados ao redor do planeta ou como Edward VIII, que abdicou do trono britânico para se casar com a plebeia Wallis Simpson).

A partir de 30 de abril, data para a qual a rainha Beatrix da Holanda programou sua abdicação em favor do filho, teremos mais um caso. Para encontrar um ex-papa, no entanto, só retrocedendo aos confins da Antiguidade ou da Idade Média. Ex-papas não fazem parte do repertório dos nascidos nos últimos muitos séculos.

Perguntas que se impõem: que faz um ex-papa? Conseguirá ele “desencarnar” do cargo? Sentirá saudade do tempo em que reinou? Quererá influenciar o governo do sucessor? Abrigará o secreto (ou nem tão secreto) desejo de voltar ao posto?

Bento 16 de início se encaminhará, como prometeu, a uma vida de recolhimento. Os “ex”, mesmo os mais poderosos, sempre começam a nova etapa com a determinação de afastar-se o mais possível dos encargos, pompas e atributos da antiga função.

Imaginemos, no entanto, como exercício de ficção, que, não tarde muito, ele se entedie da nova vida. Resolve então fundar um instituto. Dá-lhe o nome de Instituto Bento 16 e nele montará um escritório, no qual se ocupará de uma densa agenda: audiências a bispos e cardeais, bem como a leigos de diversa extração (até mesmo chefes de estado); publicação de folhetos sobre as excelências de sua administração; organização de seminários sobre os rumos da Igreja e a sorte dos povos.

As audiências por vezes serão a pessoas com interesses em favores da burocracia vaticana, o que alimentará o rumor de que o “ex” continua a exercer direta influência nos rumos da instituição. Outras vezes, serão a ocupantes de altas funções no novo pontificado, os equivalentes a ministros num governo nacional, e aí será pior: dará a impressão de que a fidelidade professada por tais auxiliares ao “ex” é maior do que a devida ao atual ocupante do cargo.

Bento 16 não se abalará. Suas atividades tomarão ritmo cada vez mais intenso, e às audiências ele acrescentará as conferências, as aparições públicas, o comparecimento a cerimônias oficiais.

Situação mais equívoca ocorrerá se o conclave consagrar um candidato de currículo pobre e pouco peso político, eleito graças ao aberto empenho do antecessor. Dirão que Bento 16 foi capaz de eleger

⁵ TOLEDO, Roberto Pompeu de. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/roberto-pompeu-de-toledo-a-arte-de-ser-ex-sera-que-o-papa-montara-um-instituto-bento-16-viagara-pelo-mundo-fara-de-um-poste-seu-sucessor/>> Acesso em 10.01.2014

"um poste", o que não desagrada ao renunciante — muito pelo contrário — e aumentará seu prestígio sobre uma cada vez mais extensa base aliada de cardeais, bispos e párocos.

A certa altura o ex-papa sentirá saudade das viagens do período do pontificado, e quererá realizar "caravanas" ao redor do mundo para manter a chama de seu legado e a continuidade da luta em favor da Igreja e da felicidade dos povos.

Percorrerá então as diversas dioceses, da Europa à Oceania, da Ásia às Américas, reunindo-se nas diferentes escalas com autoridades religiosas e civis e, em cada local, rezando missas campais e falando à massa de povo. Mais do que nunca, vai-se falar de governo paralelo. O sucessor se sentirá secretamente constrangido, mas afinal é o poste, e jurará sempre que Bento 16 só ajuda, com sua experiência e sua sabedoria.

Estará sempre na pauta a possibilidade de o ex-papa voltar ao cargo. Não se trata de especulação sem sentido, dada a desenvoltura com que se lança, seja a negociações de bastidores, seja a atividades públicas.

Pode um renunciante aspirar a uma reeleição? Os doutos escarafuncham o direito canônico e concluem que nada o impede. Bento 16 insiste e repete que seu exclusivo propósito é garantir um bom governo ao sucessor, isso e nada mais, mas nunca afasta com todas as letras a possibilidade de voltar.

Ela fica no ar, o que muito o satisfaz; é um modo de conservá-lo no jogo, e conservar-se no jogo é o objetivo que a cada dia, desde a primeira missa, na madrugada, até a última oração da noite, dá sentido e alento a seus dias.

O leitor sabe que a ficção aqui apresentada não tem nada a ver com o que se conhece e o que se espera de Bento 16. Ele se retirará do mundo e será um ex-papa tão inativo quanto um papa morto.

Mas tem tudo a ver com a arte de ser "ex". Alguns conseguem, outros não.

3.2.1 A arte de ser "ex": Análise de Gênero e de Modos Textuais

A análise de gênero será feita da seguinte maneira: à esquerda, o texto, dividido em estágios e, à direita, a descrição da finalidade de cada estágio. O Quadro 17, repetido aqui, traz a codificação que deve ser seguida na análise.

Quadro 17 - Código para a análise

Descrição	<u>sublinhado</u>
Narração	<i>italíco</i>
Argumentação	Negrito

Gênero e Modos Textuais	Estágios e Finalidades
A arte de ser "ex" Roberto Pompeu de Toledo (Revista VEJA 26.02.2013)	Título / Autoria

<p>Discussão: A combinação de "arte" (criação) e "ex" (desfecho de relacionamento) pode causar estranhamento no leitor, o que o prepara para o que vem a seguir.</p>	
<p>(1) <i>A renúncia de Bento 16 trará a novidade da figura de um ex-papa em nosso mundo. Até a expressão soa estranha. Fazem parte da vida contemporânea ex-presidentes, ex-primeiros-ministros e até ex-reis (como tantos destronados ao redor do planeta ou como Edward VIII, que abdicou do trono britânico para se casar com a plebeia Wallis Simpson).</i></p>	<p>Situação / Problema: a estranha figura de ex-papa</p>
<p>Discussão: Toledo inicia o ensaio com uma narração (em itálico) com o objetivo de preparar o terreno para o argumento: "a expressão soa estranha". A descrição que se segue – em fusão escalada com argumento – coloca o santo papa em pé de igualdade de a personalidades, nem sempre merecedoras de respeito, sugeridas por escolhas lexicais como "destronados" ou "plebeia".</p>	
<p>(2) <i>A partir de 30 de abril, data para a qual a rainha Beatrix da Holanda programou sua abdicação em favor do filho, teremos mais um caso. Para encontrar um ex-papa, no entanto, só retrocedendo aos confins da Antiguidade ou da Idade Média. Ex-papas não fazem parte do repertório dos nascidos nos últimos muitos séculos.</i></p>	<p>Hipótese: a insignificância de um ex-papa</p>
<p>Discussão: Continua o tom narrativo, para mostrar que a escolha do papa assemelha-se a fato hoje corriqueiro na esfera mundana, o que – infere-se – tira-lhe a autoridade que lhe dá a Igreja. O argumento no final sugere exclusão social do ex-papa (como ocorria até recentemente com as "ex", sem o beneplácito da sociedade).</p>	
<p>(3) Perguntas que se impõem: que faz um ex-papa? Conseguirá ele "desencarnar" do cargo? Sentirá saudade do tempo em que</p>	<p>Argumento: ex-papa não tem ofício</p>

reinou? Quererá influenciar o governo do sucessor? Abrigará o secreto (ou nem tão secreto) desejo de voltar ao posto?

Discussão: Os questionamentos retóricos levantados por Toledo marcam pontos-chaves da argumentação do texto. Neste sentido, o autor levanta hipóteses para fundamentar seus argumentos.

(4) Bento 16 de início se encaminhará, como prometeu, a uma vida de recolhimento. Os “ex”, mesmo os mais poderosos, **sempre começam a nova etapa com a determinação de afastar-se o mais possível dos encargos, pompas e atributos da antiga função.**

Argumento:
promete, mas
não cumpre

Discussão: A fusão escalada de narração (sobre determinação dos “ex” com argumento (**sempre começam** ...)) faz prever que promessas de se afastar da rotina anterior não serão cumpridas.

(5) Imaginemos, no entanto, como exercício de ficção, que, não tarde muito, ele se entedie da nova vida. Resolve então fundar um instituto. Dá-lhe o nome de Instituto Bento 16 e nele montará um escritório, no qual se ocupará de uma **densa agenda: audiências a bispos e cardeais, bem como a leigos de diversa extração (até mesmo chefes de estado); publicação de folhetos sobre as excelências de sua administração; organização de seminários sobre os rumos da Igreja e a sorte dos povos.**

Argumento:
A agenda
(inexpressiva?)
do ex-papa

Discussão: Na construção do crescente processo persuasivo que é sinalizado sub-repticiamente no texto, começa a ficar claro que um “ex-papa” é uma figura insignificante, nada tendo a oferecer à sociedade, como acontece com qualquer ser humano alijado de suas funções. A descrição em fusão com o argumento sobre as possíveis ocupações do “ex”, sugere a opinião irônica do articulista sobre a

<p>utilidade dessas atividades.</p>	
<p>(6) As audiências por vezes serão as pessoas com interesses em favores da burocracia vaticana, o que alimentará o rumor de que o “ex” continua a exercer direta influência nos rumos da instituição. Outras vezes, serão a ocupantes de altas funções no novo pontificado, os equivalentes a ministros num governo nacional. e aí será pior: dará a impressão de que a fidelidade professada por tais auxiliares ao “ex” é maior do que a devida ao atual ocupante do cargo.</p>	<p>Argumento: Agenda (de resultado ambíguo) do ex-papa</p>
<p>Discussão: A agenda já inexpressiva, pode resultar em situações embaraçosas para o “ex”. Em fusão escalada com a descrição, o autor argumenta sobre o significado ambíguo a agenda, mostrando o ambiente de especulações que cerca a vida no Vaticano.</p>	
<p>(7) Bento 16 não se abalará. Suas atividades tomarão ritmo cada vez mais intenso, e às audiências ele acrescentará as conferências, as aparições públicas, o comparecimento a cerimônias oficiais.</p>	<p>Argumento: “ex” continuará nessa agenda inútil e duvidosa</p>
<p>Discussão: Chegando a este ponto da argumentação, é quase inevitável a comparação irônica entre a situação que envolve o ex-papa com a que envolve uma ex-mulher. Solidão, sensação de inutilidade, alvo de especulações e a dedicação às mesmas atividades que se mostraram inúteis. E lá está o “ex” no título, uma metáfora, cujo significado se revela aos poucos pelo processo da logogênese, o significado que se estabelece com o desenrolar do texto.</p>	
<p>(8) Situação mais equívoca ocorrerá se o conclave consagrar um candidato de currículo pobre e pouco peso político, eleito graças ao aberto empenho do antecessor. Dirão que Bento 16 foi capaz de</p>	<p>Argumento: O Vaticano e sucessor de Bento XVI</p>

eleger “um poste”, o que não desagradará ao renunciante — muito pelo contrário — e aumentará seu prestígio sobre uma cada vez mais extensa base aliada de cardeais, bispos e párocos.

Discussão: Em sua trajetória de crítica velada a Bento XVI, Toledo, vai aos poucos direcionando a soma dessas críticas ao próprio Vaticano e ao mundo que circunda a sede do catolicismo. O papa que será eleito pode até ser “um poste”, metáfora para apatia, epíteto que – em outros tempos – já mais seria aplicado a um pontífice. Essas críticas têm eco no *frame* do leitor, que, pelo processo do contrabando de informação, o remetem à situação deplorável em que se encontra a Santa Sé, graças a pecados dissimulados e ocultos pelos próprios “cardeais, bispos e párocos”.

(9) A certa altura o ex-papa sentirá saudade das viagens do período do pontificado, e quererá realizar “caravanas” ao redor do mundo para manter a chama de seu legado e a continuidade da luta em favor da Igreja e da felicidade dos povos.

Argumento:
reforço para a inutilidade de um “ex”

Discussão: O resultado de uma vida vazia revela-se na descrição do estado mental do ex-papa, que deseja viajar mundo afora, mas não em favor da Igreja ou dos fiéis – mero pretexto – mas para seu próprio proveito.

(10) Percorrerá então as diversas dioceses, da Europa à Oceania, da Ásia às Américas, reunindo-se nas diferentes escalações com autoridades religiosas e civis e, em cada local, rezando missas campais e falando à massa de povo. Mais do que nunca, vai-se falar de governo paralelo. O sucessor se sentirá secretamente constrangido, mas afinal é o poste, e jurará sempre que Bento 16 só ajuda, com sua experiência e sua sabedoria.

Argumento:
Inveja, fofoca, hipocrisia

Discussão: O Vaticano nada tem que o diferencie em relação ao que ocorre no mundo laico. Há inveja, fofoca e cinismo. O “ex” provocará inveja (do sucessor),

<p>fofoca (do clero e do povo) e hipocrisia (o juramento falso do “poste”). A persuasão vai se firmando, e ajuda a criar um panorama extremamente desfavorável do mundo católico, com apoio da ironia e de metáforas.</p>	
<p>(11) Estará sempre na pauta a possibilidade de o ex-papa voltar ao cargo. Não se trata de especulação sem sentido, <u>dada a desenvoltura com que se lança, seja a negociações de bastidores, seja a atividades públicas.</u></p>	<p>Argumento: possibilidade de retorno do ex-papa</p>
<p>Discussão: Dada a certas características que têm maculado a Santa Sé, em que nem sempre a palavra dada é cumprida, é possível a volta do “ex”. Este estágio dá continuidade à série de críticas que agora apontam para “negociações de bastidores”, que lembram – pelo processo persuasivo do apito do cão – em que apenas alguns ouvintes captam a mensagem - das manobras para esconder, em especial, casos de pedofilia envolvendo figuras do Vaticano.</p>	
<p>(12) Pode um renunciante aspirar a uma reeleição? Os doutos escarafuncham o direito canônico e concluem que nada o impede. Bento 16 insiste e repete que seu exclusivo propósito é garantir um bom governo ao sucessor, isso e nada mais, mas nunca afasta com todas as letras a possibilidade de voltar.</p>	<p>Argumento: há promessas vãs no Vaticano</p>
<p>Discussão: O estágio reforça a argumentação que vinha sendo construída, insistindo na ideia da falta de cumprimento do juramento dos votos sagrados.</p>	
<p>(13) Ela fica no ar, o que muito o satisfaz; é um modo de conservá-lo no jogo, e conservar-se no jogo é o objetivo que a cada dia, desde a primeira missa, na madrugada, até a última oração da noite, dá sentido e alento a seus dias.</p>	<p>Argumento: interesse de ficar em evidência</p>
<p>Discussão: O desejo pelo poder supera qualquer outro sentimento, justamente em</p>	

<p>quem se acreditava desapegado de valores mundanos.</p>	
<p>(14) O leitor sabe que a ficção aqui apresentada não tem nada a ver com o que se conhece e o que se espera de Bento 16. Ele se retirará do mundo e <u>será um ex-papa tão inativo quanto um papa morto.</u></p>	<p>Avaliação: A inutilidade da figura do papa</p>
<p>Discussão: O ensaio retorna ao ponto de partida: a hipótese da inutilidade da figura do papa. Após tecer vários argumentos para provar sua hipótese, o articulista pode reivindicar que Bento 16 será <u>um ex-papa tão inativo quanto um papa morto.</u></p>	
<p>(15) Mas tem tudo a ver com a arte de ser “ex”. Alguns conseguem, outros não.</p>	<p>Avaliação: êxito na arte de ser “ex”</p>
<p>Discussão: Toledo retorna ao título e à relação entre “ex” e “arte”. O “ex” é Bento 16, quanto à “arte”, parece ser difícil ter sucesso em um ambiente cercado de inveja e hipocrisia e conluios de bastidores.</p>	

3.2.1.1 A arte de ser “ex”: Discussão da Análise de Gênero e dos Modos Textuais

A análise de gênero mostra-nos que o artigo de opinião, A arte de ser “ex”, está dividido nos seguintes estágios, com as respectivas finalidades, seguindo o modelo Problema-Solução, proposto por Hoey (1994) e por Porta (2002), para o texto argumentativo, conforme mostra o Quadro 19.

Quadro 19 – Argumentação em Arte de ser "ex"

ESTAGIO	FINALIDADE	DESCRIÇÃO
1º	Situação/Problema	A estranha figura de ex-papa
2º	Hipótese	A insignificância de um ex-papa
3º	1º Argumento	Ex-papa não tem ofício
4º	2º. Argumento	Promete, mas não cumpre
5º	3º. Argumento	A agenda (inexpressiva) do ex-papa
6º	4º. Argumento	Agenda (de resultado ambíguo) do ex-papa
7º	5º. Argumento	O "ex" continuará nessa agenda inútil e duvidosa
8º	6º. Argumento	O Vaticano e o sucessor de Bento XVI
9º	7º. Argumento	Reforço para a inutilidade de um "ex"
10º	8º. Argumento	Inveja, fofoca, hipocrisia
11º	9º. Argumento	Possibilidade de retorno do ex-papa
12º	10º. Argumento	Há promessas vãs no Vaticano
13º	11º. Argumento	Interesse de ficar em evidência
14º	Avaliação	A inutilidade da figura do papa
15º	Avaliação	Exitoso na arte de ser "ex"

Toledo chama a atenção do leitor para um fato inusitado para o nosso século: um ex-papa. Apresenta, então, uma série de argumentos para confirmar a hipótese levantada, ou seja, o autor quer comprovar que um ex-papa é insignificante, uma vez que deixa de ter um ofício e passa a não exercer mais o mesmo papel social.

Para confirmar a sua opinião, o autor intercala o uso de descrições e narrações com o propósito de alicerçar o terreno para sustentar os seus argumentos. Na essência, o artigo centrando-se na figura do ex-papa, mostra por meio da crypto-argumentação (a argumentação secreta), tanto a vaidade quanto a inveja típicas da natureza humana que também estão presentes no comportamento daqueles que se intitulam representantes de Deus. Reynolds (2000) e Kitis e Milapides (1997) afirmam que a persuasão via cripto-argumentação está implícita e corre de forma subjacente a situações narradas e descritas.

Valendo-se de sutil tom irônico, que confere leveza e humor ao texto, Toledo traça um retrato da Igreja Católica, decadente e hipócrita, concretizada na figura do papa que renunciou aos seus deveres.

3.2.2 A arte de ser “ex”: Análise de Modalidade e de Avaliatividade

A análise da Modalidade e da Avaliatividade (explícita e implícita) será feita da mesma forma utilizada para analisar o primeiro artigo, *Bento, o Arregão*. Para facilitar a visualização dos procedimentos, eles se encontram repetidos abaixo.

- (a) na primeira linha, um trecho do artigo em que a Modalidade será indicada com colchetes e a Avaliatividade em negrito, indicada com (+) ou (-), se positiva ou negativa, respectivamente; a Graduação está indicada com (↑) ou (↓), se forte ou fraca, respectivamente;
- (b) após cada estágio, é feita a Discussão da análise realizada;
- (c) finalmente, será feita uma Discussão da análise.

O Quadro 8 está repetido para facilitar o reconhecimento dos Recursos de Avaliatividade.

Quadro 4 - Recursos de AVALIATIVIDADE

AVALIATIVIDADE	COMPROMISSO	monoglóssico heteroglóssico	
	ATITUDE	afeto julgamento apreciação	
	GRADUAÇÃO	FORÇA FOCO	aumenta diminui aguça suaviza

Fonte: MARTIN (2000)

A arte de ser 'ex'

Roberto Pompeu de Toledo (Veja: 26.02.2013)

Situação / Problema

#1 A renúncia de Bento XVI trará a novidade da figura de um ex-papa

Julgamento(-) Apreciação (-) Token Julgamento (-)

em nosso mundo. Até a expressão soa estranha.

Apreciação (-)(↑)	Apreciação (-)
Fazem parte da vida contemporânea <u>ex-presidentes, ex-primeiros-ministros</u>	Julgamento (-)
e <u>até ex-reis</u> (como tantos <u>destronados</u> ao redor do planeta ou	
Apreciação (-) (↑)	Apreciação (-)
como Edward VIII, que <u>abdicou</u> do trono britânico para se casar com a	Julgamento (-)
<u>a plebeia</u> Wallis Simpson).	Julgamento (-)

Discussão: O ensaio de Toledo inicia-se com Apreciações negativas (5) e Julgamentos negativos (5). O colunista compara a renúncia de Bento XVI com casos de pessoas que ocupam cargos sem a estatura do posto de um representante de Deus. Assim, ele prepara o terreno em que discutirá a opção de Bento XVI.

Hipótese

#2 A partir de 30 de abril,

data para a qual a rainha Beatrix da Holanda programou **sua abdicação**

Apreciação (-)

em favor do filho, teremos **mais um caso.**

Apreciação (-)(↑)

Para encontrar um **ex-papa**, no entanto,

Julgamento (-)

só retrocedendo **aos confins da Antiguidade ou da Idade Média.**

Apreciação (-) (↑)

Apreciação (-)

Ex-papas não fazem parte do repertório dos nascidos nos últimos muitos séculos.

Julgamento (-)

Discussão: Apreciações Negativas (4) e Julgamentos Negativos (2) acumulam-se pelo fenômeno da prosódia, igualando Bento XVI aos demais mortais, reforçando a

hipótese de Toledo sobre a insignificância de sua figura, fato sobre o qual passará a argumentar.

Argumento 1

#3 Perguntas que se impõem: que faz um ex-papa?

Julgamento (-)

Conseguirá ele “desencarnar” do cargo? Sentirá saudade do tempo

Julgamento (-)

Afeto (-)

em que reinou? [Quererá] influenciar o governo do sucessor?

Desejabilidade

Abrigará o segredo (ou nem tão secreto)

[desejo] de voltar ao posto?

Apreciação (-)

Apreciação (-) (↑)

Desejabilidade

Discussão: O autor faz algumas perguntas retóricas para indicar que o ex-papa não tem intenção de deixar de participar de assuntos relacionados ao Vaticano. Isso fica evidente pelos Julgamentos Negativos (4) utilizados e por palavras que indicam Desejabilidade - "quererá" e "desejo". O emprego do verbo "desencarnar" - inseparável da carne, parte da alma - ressalta o interesse de Bento XVI em continuar vivo na memória dos fieis. Há, ainda, Apreciações Negativas (2) e Afeto Negativo (1), empregados para ironizar os sentimentos e o desejo do ex-papa. O adjunto modal "nem" em combinação com o advérbio de intensidade "tão" deixam claro que o desejo do ex-papa é visível aos leitores.

Argumento 2

#4 Bento XVI de início se encaminhará, como prometeu,

Julgamento (-)

a uma vida de recolhimento. Os “ex”, mesmo os mais poderosos,

Julgamento (-) (↑)

[sempre] começam a nova etapa com a determinação de

Mod. Frequência Julgamento (-)

afastar-se o mais [possível] dos encargos, pompas e atributos da antiga função.

Julgamento (-) (↑) Mod. probabilidade

Discussão: Há uma comparação entre Bento XVI e os demais ex. Há Julgamentos Negativos (4) e Modalizações: uma delas de frequência - que aponta um padrão de comportamento esperado e talvez, a ser seguido, no caso por aqueles que são ex - e a outra de probabilidade. O tom irônico presente tanto nos Argumentos 1 e 2 tem como objetivo demonstrar que Toledo não crê na desocupação total do cargo por parte de Bento XVI.

Argumento 3

#5 **Imagine mos**, no entanto, como exercício de ficção, que, [não tarde muito],
 Avaliação Social (-) Mod. temporalidade

ele se entedie da nova vida.

Julgamento (-)

Resolve então fundar um instituto. Dá-lhe o nome de Instituto Bento XVI
 Julgamento (-)

e nele montará um escritório, no qual **se ocupará** de uma densa agenda:
 Julgamento (-)

audiências a bispos e cardeais, bem como a leigos de diversa extração
 Apreciação (-)

(**até** **mesmo** chefes de estado); publicação de folhetos sobre as excelências
 Apreciação (-) (↑)

de **sua administração**;

Julgamento (-)

organização de seminários sobre os rumos da Igreja e a sorte dos povos.

Apreciação (-)

Discussão: Toledo convida os leitores a imaginar a vida de Bento XVI por meio de Avaliação Social Negativa (1). Entretanto, os recursos persuasivos vão se evidenciando à medida em que ele expõe, gradualmente, Julgamentos Negativos (4) assim como Apreciações Negativas (3) para demonstrar quão irrelevante um ex-papa pode ser na sociedade.

Argumento 4

#6 As audiências [por vezes] serão a **pessoas com interesses em favores**

Temporalidade Julgamento (-)

da burocracia vaticana, o que alimentará o rumor de que o **"ex"**

Julgamento (-)

continua a exercer direta influência nos rumos da instituição.

Julgamento (-)

[Outras vezes], serão a **ocupantes de altas funções** no novo pontificado,

Temporalidade Julgamento (-)

os **equivalentes a ministros** num governo nacional, e aí será **pior**:

Julgamento (-) Apreciação (-) (↑)

dará a impressão de que a **fidelidade professada** por tais auxiliares ao "ex"

Julgamento (-) (↑)

é **maior do que** a devida ao atual ocupante do cargo.

Apreciação (-) (↑)

Discussão: O colunista se posiciona atitudinalmente por meio de Julgamentos Negativos (6) e Apreciações Negativas (2). Os Julgamentos Negativos demonstram o jogo de interesses e de troca de favores entre aqueles que querem ser favorecidos pelo Vaticano, sejam os novatos ou os veteranos da Instituição Religiosa. A alternância de favorecimento é ressaltada pelas marcas de Temporalidade - "Por vezes" e "Outras Vezes". Já as Apreciações Negativas são intensificadas pela Graduação de força (↑), expressas pelos comparativos de superioridade "pior" e "maior do que" e apontam para a falta de ética em relação ao atual Papa.

Argumento 5

#7 **Bento XVI** não se abalará.

Julgamento (-)

Suas atividades tomarão **ritmo cada vez mais intenso**,

Apreciação (-) (↑)

e às **audiências** ele acrescentará as **conferências**,

Apreciação (-)

Apreciação (-)

as aparições públicas, o comparecimento a cerimônias oficiais.

Apreciação (-)

Apreciação (-)

Apreciação (-)

Discussão: Há Apreciações Negativas (6), sendo uma de las intensificada pela Gradação de Força (↑) e Julgamento Negativo (-). Toledo enumera, ironicamente, a agenda do ex-papa que será completamente preenchida por atividades de toda a sorte. O ex-papa deve parecer útil de alguma forma para ter visibilidade.

Argumento 6

#8 Situação mais equívoca ocorrerá se

Apreciação (-) (↑)

o conclave consagrará um candidato de currículo pobre e pouco peso político,

Julgamento (-)

Julgamento (-) (↓)

eleito graças ao aberto empenho do antecessor.

Apreciação (-)

Julgamento (-)

Dirão que Bento XVI foi capaz de eleger “um poste”,

Julgamento (-)

Julgamento (-)

o que não desagrada ao renunciante — muito pelo contrário —

Afeto (-)

Apreciação (-) (↑)

e aumentará seu prestígio sobre uma cada vez mais extensa

Julgamento (-)

Apreciação (-) (↑)

base aliada de cardeais, bispos e párocos.

Julgamento (-)

Discussão: Gradativamente, as especulações sobre o futuro do Vaticano emergem. Há Julgamentos Negativos (5) (direcionados ao ex-papa, ao futuro líder religioso e a outros cargos eclesiásticos), Apreciações Negativas (4) e Afeto Negativo (1) (o emprego de “muito pelo contrário” aponta para uma quebra de expectativa do leitor). Tais aspectos preparam o terreno para indicar uma possível futura imoralidade na Instituição. Sendo assim, há contrabando de informação e a argumentação passa a ser mais persuasiva a partir de então.

Argumento 7

#9 [A certa altura] o ex-papa **sentirá saudade** das viagens do período do
Temporalidade Afeto (-)

pontificado, e [quererá] realizar “caravanas” ao redor do mundo para manter a
Desejabilidade

chama de seu legado e a continuidade da luta **em favor da Igreja e da felicidade**

Apreciação (-) Apreciação (-)

dos povos.

Discussão: As Apreciações Negativas (2) e o Afeto Negativo (1) são usados para mostrar que Bento XVI evocará a luta em favor da Igreja e dos fieis como estratégia para justificar os seus interesses em estar sob os holofotes.

Argumento 8

#10 **Percorrerá** então as diversas dioceses, da Europa à Oceania,
Julgamento (-)

da Ásia às Américas, **reunindo-se** nas diferentes escala
Julgamento (-)

com autoridades religiosas e civis e, em cada local,
Julgamento (-)

rezando missas campais e **falando** à massa de povo.
Julgamento (-) Julgamento (-)

[Mais do que nunca], **vai-se falar** de governo paralelo.
(↑) Mod. Intensidade Avaliação Social (-)

O sucessor se sentirá [secretamente] **constrangido**, mas afinal é o **poste**,
Julgamento (-) Afeto (-) Intensidade Afeto (-) Julgamento (-)

e jurará [sempre] que **Bento XVI** [só] ajuda,
Mod. Usualidade Julgamento (-) Intensidade

com sua experiência e sua sabedoria.

Discussão: As especulações sobre o ex-papa são feitas pelos Julgamentos Negativos (8), Afetos Negativos (2) e Avaliação Social Negativa (1) que apontam para a falta de bom senso por parte de Bento XVI que estará sempre rodeando o novo papa, representado pela metáfora poste, aquele que mostrará, publicamente, frouxidão em relação ao ex. Isso caracterizaria hipocrisia de ambos os lados.

Argumento 9

#11 Estará [sempre] na pauta a [possibilidade] de o **ex-papa** voltar ao cargo.

Mod. Usualidade	Possibilidade	Julgamento (-)
-----------------	---------------	----------------

Não se trata de especulação sem sentido, dada a desenvoltura

Apreciação (-)

com que se lança, seja a **negociações de bastidores**, seja a **atividades públicas**.

Apreciação (-)	Apreciação (-)
----------------	----------------

Discussão: Ao utilizar Apreciação Negativas (3) e Julgamentos Negativos (1), o colunista evidencia aspectos que podem levar a concretização de um retorno de Bento XVI ao cargo, pois há conchavos dentro do Vaticano.

Argumento 10

#12 [Pode] um **renunciante** aspirar a uma reeleição?

Mod. Probabilidade	Julgamento (-)
--------------------	----------------

Os doutos escarafuncham o direito canônico e concluem que nada o impede.

Julgamento (-)

Bento XVI insiste e repete que seu exclusivo propósito é garantir um bom

Julgamento (-)

governo ao sucessor, isso e [nada mais],

Intensidade

mas [nunca] **afasta** com todas as letras a [possibilidade] de voltar.

Mod. Usualidade	Julgamento (-)
-----------------	----------------

Discussão: Não há impedimentos para o ex-papa retornar ao posto e por isso, Toledo emprega Julgamentos Negativos (4) para mostrar que o posicionamento de Bento XVI está inadequado, segundo os votos sagrados feitos por ele.

Argumento 11

#13 **Ela fica no ar**, o que [muito] **o satisfaz**;

Apreciação (-) Intensidade Afeto (-)

é um modo de **conservá-lo no jogo**,

Julgamento (-)

e **conservar-se no jogo** é o **objetivo** que a cada dia,

Julgamento (-) Apreciação (-)

desde a **primeira missa**, na madrugada, até a última **oração da noite**,

Apreciação (-) Apreciação (-)

dá sentido e alento a seus dias.

Afeto (-)

Discussão: Toledo usa o termo jogo como metáfora para demonstrar os planos utilizados por Bento XVI para permanecer em evidência. As 'jogadas' do ex-papa são avaliadas negativamente por meio de Julgamentos Negativos (2), Apreciações Negativas (1) e Afeto Negativo (1).

Avaliação

#14 O leitor sabe que a **ficção** aqui apresentada não tem nada a ver

Apreciação (-)

com o que se conhece e o que se espera de **Bento XVI**.

Julgamento (-)

Ele se retirará do mundo e será um **ex-papa tão inativo quanto um papa morto.**

Julgamento (-)	Julgamento (-) (↑)
----------------	--------------------

Discussão: O autor faz concluir que o ex-papa não terá a visibilidade por ele pretendida, mesmo esforçando-se para estar em destaque. As avaliações atitudinais do trecho ocorrem por meio de Apreciação Negativa (1) e Julgamentos Negativos (3). A argumentação de Toledo é paradoxal aqui e é concluída com o rompimento da ficção: "será um ex-papa tão inativo quanto um papa morto". A dissolução do paradoxo ocorre em favor do esclarecimento da argumentação e da avaliação do autor, pois a comparação com "papa morto" contextualiza e corrobora com a imagem do fim de um papado.

Avaliação

#15 Mas tem tudo a ver com a arte de ser “ex”. **Alguns conseguem, outros não.**

Avaliação social (-)

Discussão: Toledo finaliza o seu artigo com Avaliação Social Negativa (1) para mostrar que a "arte de ser ex" é uma condição desejada quando há interesse na conservação de um status quo. Entretanto, Bento XVI abdicou de uma condição inalienável - o que representa um paradoxo, já que espera-se que um Papa permaneça no cargo até morrer e a abdicação do posto é incompatível com as funções de um líder religioso.

3.2.2.1 A arte de ser “ex”: Discussão da Análise de Modalidade e de Avaliatividade

Toledo constrói um artigo persuasivo em que lança mão de recursos linguísticos da interpessoalidade - Modalização e Modulação. Além disso, o colunista da *Veja*, gradualmente, insere os seus argumentos para comprovar a inutilidade da figura de ex-papa.

Tal comprovação ocorre por meio de Avaliações Atitudinais Negativas - Julgamentos Negativos - na maior parte do texto. Segundo Martin (2000), o léxico

avaliativo manifesta a opinião do escritor de acordo com o parâmetro bom / mau. Para o jornalista, o comportamento de Bento XVI é inapropriado.

Ademais, o colunista recorre a outros elementos persuasivos, tais como a Metáfora. Quinn (1991) diz que as metáforas são selecionadas para ajustar-se a um modelo pré-existente e culturalmente compartilhado. Tal padrão se encontra presente no enquadre mental do leitor, conforme Edward e Potter (1992). 'Poste' e 'jogo' são exemplos de Metáforas culturais presentes no texto. A primeira metáfora se refere ao novo papa. Já a segunda, está relacionada ao plano de Bento XVI.

Inicialmente, o colunista da *Veja* espera que o ex-papa se canse rapidamente do afastamento da vida social e política para ao final, mostrar seu descrédito: o papa não entrará no rol daqueles que dominam a arte de ser ex. Embora Toledo marque os argumentos negativamente para a arte de ser ex, ele demonstra o quanto um ex pode ser ativo, sobretudo um papa, já que poderia reverter tantas ações para o bem comum.

3.3 Comparação entre os dois artigos

Após analisar os dois textos, ficou claro que os estilos dos dois colunistas apresentam algumas diferenças e algumas semelhanças.

Gancia, em sua trama textual, faz uso de tom monoglóssico, pois opta por não utilizar modalizações - recurso que proporcionaria negociação dialógica. Ademais, o seu artigo é repleto de Avaliatividade Negativa, principalmente Avaliações Sociais Negativas, para expor que os valores apregoados pela Igreja Católica, por meio de seus representantes, não condizem com a expectativa de seus fieis.

Toledo, por sua vez, usa algumas modalizações e o seu ensaio apresenta heteroglossia. Assim como *Bento, O Arregão*, *A arte de ser "ex"* conta com diversos trechos de Avaliatividade Negativa. Há alternância entre Julgamentos Negativos e Apreciações Negativas e o artigo critica a figura de Bento XVI.

Ambos são semelhantes, em alguns pontos, na Análise de Gênero e de Modos Textuais, pois recorrem a narrações e descrições em seus artigos, ou seja narram e descrevem os fatos verificáveis para a partir de então, apresentarem os seus argumentos. Tais recursos têm o objetivo de construir alicerces para sustentar seus posicionamentos ideológicos. Desta forma, o leitor tende a ser persuadido mais

facilmente, pois os argumentos são expostos depois de fatos já divulgados pela mídia e conhecidos pelos leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação apresentou uma comparação de dois artigos de opinião de autores distintos: Bárbara Gancia e Roberto Pompeu de Toledo. Foram realizadas duas análises para cada texto. A primeira estava organizada segundo os estágios e finalidades do gênero *artigo de opinião* (Reynolds 2000). Já a segunda, estava baseada no exame da micro-estrutura, conforme a Avaliatividade (Martin 2000) e Metafunção Interpessoal (Halliday 2004).

A pesquisa teve como objetivo principal examinar a persuasão que percorre nos artigos de opinião. Além disso, procurou-se entender alguns aspectos dos textos argumentativos que foram norteados por três perguntas, respondidas na sequência:

(a) Como se constitui a estrutura de gênero em termos dos modos textuais, nos textos de Toledo e de Gancia? Tanto Gancia quanto Toledo intercalam descrições e narrações em seus textos. Tais elementos, conhecidos como Dados e Garantias, são verificáveis e apresentam evidências que sustentam os argumentos - Reivindicações - Toulmin (1958). Além disso, informação e opinião se mesclam com o intuito de persuadir o leitor e fazê-lo partilhar das ideias dos articulistas.

(b) Que tipo de persuasão - por convicção ou por sedução - prevalece nos textos de Toledo e de Gancia?

Ao apontar os argumentos, os autores contam com a aceitação de seus leitores. Os dois colunistas misturam persuasão ora por sedução, que explora a aparência externa e aparente veracidade dos autores, ora por convicção, em que os jornalistas procuram dar credibilidade aos argumentos, sobretudo quando apresentam fatos reais antes da exposição de seus posicionamentos.

(c) Qual é a contribuição da Avaliatividade para a realização da persuasão nesses textos? Ficou constatado que a Avaliatividade tem papel preponderante no percurso da persuasão porque o caráter opinativo dos artigos fica evidenciado não apenas pelos qualificadores que atribuem nomes, coisas e eventos, como também pelas escolhas léxico-gramaticais. A Avaliatividade possibilita uma análise da semântica do texto. Ademais, emitir uma opinião provoca uma resposta de solidariedade do

interlocutor o qual tende a se convencer, mais facilmente, diante da sequência das opiniões expressas.

Este trabalho permitiu identificar mecanismos persuasivos inseridos nos artigos de opinião. Reconhece-se, portanto, o posicionamento ideológico de seus autores que pretendem fazer os seus leitores compartilharem de suas ideias e alinhamento de ponto de vista.

A partir de tais estudos, acredita-se que seja oportuno levar os conceitos aqui trabalhados para a sala de aula. As redações escritas por muitos candidatos nos exames vestibulares apresentam desconformidade em relação à estrutura de Modos Textuais proposta por Reynolds (2000). Por conta disso, tanto o reconhecimento do gênero quanto à expectativa de leitura que o corretor tem a partir daquele tipo de texto ficam comprometidos.

Alguns alunos enfrentam obstáculos para encontrar certos elementos textuais essenciais: a situação, o problema e a solução. Tais complicações desfavorecem os estudantes os quais, em geral, apresentam dificuldades não só na formatação textual - segundo os padrões esperados para o gênero solicitado nas redações - mas também em elaborar argumentação para defender os seus posicionamentos e propor soluções de questões, geralmente, polêmicas.

A leitura de artigos de opinião como os escritos por Bárbara Gancia e por Roberto Pompeu de Toledo, por exemplo, permitem a conscientização e familiarização do formato de ensaios. A exposição a tais textos também possibilitará conscientizar o aluno acerca das escolhas léxico-gramaticais esperadas para o gênero em questão.

Os resultados encontrados podem servir como referência para a continuidade desta pesquisa, já que o tema é amplo e permite inúmeras perspectivas de estudo. Por fim, este trabalho pode ser considerado germinal, especialmente para pensar-se em estratégias de ensino, de como levar tais conteúdos para a sala de aula de maneira que seja significativa para o estudante.

REFERÊNCIAS

- AARTS, J.M.G; CALBERT, J.P. *Metaphor and Non-Metaphor: The Semantics of Adjective-Noun Combinations*. Niemeyer. Tubingen, 1979.
- BAKHTIN, Makhail. *Estética da Criação Verbal*. SP: Martins Fontes, 1997.
- BARCELONA, A. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Topics in English Linguistics 301. Mouton de Gruyter. Berlin/New York, 2000.
- BEN-AARON, Diana. *Given and news: Evaluation in newspaper stories about national anniversaries*. Text 25.5 (691-718), 2005.
- BERRY, M. *Introduction to systemic linguistics*. London: Batsford, 1975.
- BIBER, D. J.; LEECH, S.; CONRAD, G.; FINEGAN, S. *Grammar of Spoken and Written English*. England: Pearson Education Limited, 1999.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Parte II. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.
- BURGERS, C. VAN MULKEN, M; SHCELLENS, P.J. *Finding irony: An introduction of the Verbal Irony Procedure (VIP)*. Metaphor and Symbol, 26, p. 186-205, 2011.
- BRYANT, G.A.; FOX TREE, J.E. *Recognizing verbal irony in spontaneous speech*. Metaphor and Symbol, 17, p.99-117, 2002.
- CEREJA, W. R. & MAGALHÃES, T. C. *Português: Linguagens*. São Paulo: Atual, 2003.
- CHAPARRO, M.C. *Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*. Santarém/PT: Jortejo, 1998.
- CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical metaphor analysis*. New York: Palgrave, 2004.
- CITELLI, A. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Ática, 1995.
- COFFIN, C. *The voices of history: Theorising the interpersonal semantics of historical discourses*. Text 22 (4): 503-528, 2002.
- COFFIN, C. & Halloran, K. *The role of APPRAISAL and corpora in detecting covert evaluation*. Functions of language, 2006
- CROFT, W. *The role of domains in the interpretations of metaphors and metonymies*. Cognitive Linguistics 4, p. 335-370, 1993.
- DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. [Cognitive Linguistic Research 20]. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003a.

- DIRVEN, R.; FRANK, R.; PÜTZ, M. *Cognitive Models in Language and Thought: Ideology, Metaphors and Meanings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003b.
- EDWARDS, D., & POTTER, J. *Discursive psychology*. London: Sage 1992
- EGGINS, Susanne. *An Introduction to systemic Functional Linguistics*. London: Pinter, 1994.
- EL REFAIE, Elizabeth. Our purebred ethnic compatriot's irony in newspaper journalism. *Journal of Pragmatics* 37.6, 2005, p. 781-797.
- FAIRCLOUGH, Norman. *The critical language awareness*. UK. Longman, 1992.
- FOWLER, Roger. *Language in the news: Discourse and Ideology in the Press*. London: Psychology Press, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIBBS, Jr., R.W. *Evaluating conceptual metaphor theory*. *Discourse Processes*, 48:8, 529-562, DOI, 2011.
- GIBBS, R.W.; COLSTON, H.L. The future of irony studies. In R.W.Gibbs Jr.; H.L.Colston (orgs.), *Irony in language and thought: A cognitive science reader*, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, p.581-595, 2007.
- GIBBS, R.W. Irony in talk among friends. *Metaphor and Symbol*, 15, p.5-27, 2000.
- GOATLY, A. *The language of metaphors*. London: Routledge, 1997.
- HABERMAS, J. *Theoré des kommunikativen. Handelns. Handlungsrationallität und gesellschaftliche Rationalisierung*. Frankfurt/M., Suhrkamp Verlag. v. Teoria de la acción comunicativa. Madrid: Taurus, 1987. v.1 (trad. em espanhol).
- HALLIDAY, M. A. K. (revised by) Christian M. I. M. Matthiessen *An introduction to functional grammar*. Londres: Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K. *Systemic grammar and die concept of a "science of language"*. Journal of Foreign Languages. Shanghai International Studies University. 2,78. Reprinted in Network 19, 1992.
- _____. The act of meaning. *Language, communication and social meaning*, University Round Table on Language and Linguistics. Washington D.C.: Georgetown University p. 7-21, 1993.
- _____. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1984.
- _____. *An introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 1985.
- _____. How do you mean? In *Advances in Systemic Linguistics: Recent Theory and Practice*, M. Davis and L. Ravelli. London, Pinter, 1992.

- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.
- _____. *Language, Context and Text: Aspects of Language in a Socio-Semiotic Perspective*, Geelong, Victoria Australia, Deakin University Press, 1989.
- Hasan, R.: Meaning, Context, and Text: Fifty Years after Malinowski", in J.D. Benson and W.S. Greaves (eds.), *Systemic Perspectives on Discourse*, Ablex Publishing, Norwood NJ, 1985.
- HOEY, M. *Signalling in discourse*: a functional analysis of a common discourse pattern in written and spoken English. In: M. Coulthard. *Advances in written text analysis*. Londres: Routledge, 1994.
- HOEY, M. *The discourse colony*: A preliminary study of a neglected discourse type. In M.Coulthard (ed.) *Talking about text - Studies presented to David Brazil on his retirement* (discourse Analysis monographs 13, pp. 1-26). Birmingham: ELR/University of Mirmingham.e, 1986.
- KITIS, Eliza & MILAPIDES, Michelis. *Read it and believe it*: How metaphor constructs ideology in news discourse. A case study. *Journal of Pragmatics* 28 (557-590), 1997.
- KOCH, I.G.V. *Argumentação e linguagem*. SP: Cortez Editora, 2011.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 314, 2005.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; KÖVECSES, Z. The cognitive model of Anger inherent in American English. In: HOLLAND, D.; QUINN, N. (Eds.). *Cultural Models in Language and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 195-221.
- LAUERBACH, G. *Argumentation in political talk show interviews*. *Journal of Pragmatics*, v. 39.8 (1388-1420), 2007.
- LEMKE, J.L. *Interpersonal meaning in discourse*: Value orientations. London: Pinter, 1990.
- LEMKE, J.L. Interpersonal meaning in discourse: Value orientations. In M. Davies & L. Ravelli (Eds.). *Advances in systemic linguistics*: Recent theory and practice. London: Pinter, 1992a.
- _____. Resources for attitudinal meaning - Evaluative orientations in text semantics. *Functions of language*, 5.1 (33-56), 1998.
- _____. *Discourses in conflict: heteroglossia and text semantics*. In: James Benson & William Greaves *Systemic functional approaches to discourse: selected papers from the 12th international systemic workshop*. Norwood, NJ: Ablex Publishing Corporation,

1998.

LE GUERN, M. *Semantique de la métaphore et de la métonymie*. Larousse, Paris, 1973.

LUCHJENBROERS, J. & ALDRIDGE, M. Conceptual manipulation by metaphors and frames: Dealing with rape victims in legal discourse. *Text and Talk*, v. 27, n.3, 2007.

MANNING, P. *Dog Whistle Politics and Journalism*. Sidney: Australian Centre for Independent Journalists, 2004.

MCCABE, Anne. Mood and modality in Spanish and English history textbooks: The construction of authority . *Text* 24.1 2004, p. 1-29.

MACKEN-HORARIK, Mary. Appraisal and the special instructiveness of narrative. *Text* 23.2, 2003, p. 285-312.

MAGALHÃES, I. *Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso*. D.E.L.T.A., v. 2, n.2, p. 181-205, 1986.

MALINOWSKI, B. The Problem of Meaning in Primitive Languages, Supplement I to C.K. Ogden & I.A. Richards (eds.), *The Meaning of Meaning*, Harcourt Brace, New York, 296--336, 1923.

_____. An Ethnographic Theory of Language, Part 4 of *Coral Gardens and their Magic*, Volume 2, Allen and Unwin, London, 4--78, 1935.

MANUTI, Amelia; TRAVERSA, Rosa; MININNI, Giuseppe. *The dynamics of sense making*: a diatextual approach to the intersubjectivity of discourse. *Text & Talk* 32.1 (39-61), 2012.

MARTIN, J.R. *Language, register and genre*. In: F. Christie (ed.), Children writing: reader. Geelong: Deaking University Press, p. 21-30, 1984.

MARTIN, J. R. *English Text*. System and Structure. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1992.

MARTIN, J.R. Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English. In Susan Hunston & Geoff Thompson (eds.), *Evaluation in Text – Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, J.R. WHITE, P. R. R. The Language of evaluation. Appraisal in English. Hounds Mills, U.K: Palgrave Macmillan, 2005.

MATSUKI, Keiko. Metaphors of anger in Japanese. In J. R. Taylor and R. MacLaury (eds.) *Language and the Cognitive Construal of the World*, 137-151. Berlin: Mouton, 1995.

MOON, Rosamund. Fixed Expressions and Idioms in English: A corpus-based approach. Oxford: Clarendon Press, 1998.

- MUNTIGL, P. Politicization and Depoliticization: Employment Policy in the European Union." In Paul Chilton and Christina Schaffner, eds., *Politics as Text and Talk: Analytic Approaches to Political Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2002.
- ODLIN, Terence. *Language Transfer* – Cross linguistic influence in language learning. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1989.
- ORTONY, A. The role of similarity in similes and metaphors. In: _____. *Metaphor and Thought*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, p. 186-201, 1979.
- OSGOOD, C.E., P. H. Tannenbaum, and G. J. Suci. *The measurement of meaning*. Urbana: University of Illinois Press, 1957.
- PALTRIDGE, Brian. Genre, Text Type, and the English for Academic Purposes(EAP) Classroom. In: Ann M. Johns (ed.), *Genre in the classroom – Multiple Perspectives*. Londres: Lawrence Erlbaum Ass. Publ, 2002.
- PORTA, Mario Ariel González. *A Filosofia a partir de seus problemas*. SP: Edições Loyola, 2002.
- QUINN, N. The cultural basis of metaphor. In: FERNÁNDEZ, J. (Org.). *Beyond Metaphor. The Theory of Tropes in Anthropology*. Stanford, CA: Stanford University Press, p. 56-93, 1991.
- RADDEN, G. *How metonymic are metaphors?* p. 17-59, 2000.
- REYNOLDS, M. *Texture and structure in genre*. Revue Belge de Philologie et d'Histoire [Special issue: Genre Theory: New Perspectives], v. 73, n. 3, p. 686-97, 1997.
- REYNOLDS, Mike. *The blending of narrative and argument in the generic texture of newspaper editorials*. *International Journal of Applied Linguistics*, 10.1 (25-40), 2000.
- ROMERO, E. & SORIA, B. *Metaphoric Concepts and Language*, en J. J. Acero y P. Leonardi (eds), *Facets of Concepts*, Padova, Il Poligrafo, pp. 185-208, 2005.
- SACKS, S. E. *On Metaphor*. The University of Chicago Press, Chicago, IL., 1979.
- SEMINO, E. *Language and World Creation in Poetry and Other Texts*. Londres: Longman, 1997.
- SHIE, Jian-Shiung. *Metaphors and metonymies in New York Times and Times Supplement news headlines*. *Journal of Pragmatics* 43. (1318-1334), 2011.
- TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford, Clarendon Press, 1995.
- THOMPSON, G. Resonance in text, in A. Sanchez e R. Carter (eds.) *Linguistic choice across genres: Variation in spoken and written language*. Amsterdam: Benjamins (29-46), 1998.

- THOMPSON, G. & THETELA, P. *The sound of one hand clapping*: The management of interaction in written discourse. *Text*, v 15, p. 103-127, 1995.
- TOULMIN, S. *The Uses of Argument*. Cambridge: Cambridge University, 1958.
- _____. *The Uses of Argument*. Cambridge: Cambridge University, 2003.
- ULLMANN, S. *The Principles of Semantics*. Basil Blackwell. Oxford, 1967.
- VAN DIJK, T. *News as discourse*. Hillsdale, NJ : L. Erlbaum Associates, 1988.
- _____. Ideología e sociedad. In: Van Dijk, T. A. *Ideología: una aproximación multidisciplinaria*: Barcelona: Gedisa, 1999..
- VENTOLA, E. *The structure of social interaction: a systemic approach to the semiotics of service encounters*. London: Frances Pinter, 1987.
- VELASCO-SACRISTÁN, Marisol. Metonymic grounding of ideological metaphors: Evidence from advertising gender metaphors. *Journal of Pragmatics*, 42 (64-96), 2010.
- VESTERGAARD, Torben. *That's not News: Persuasive and Expository Genres in the Press*. In: TROSBORG, Anna (ed.) *Analysing Professional Genres*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publ.Co., 2000.
- VIGNER, Gerard. Técnicas de aprendizagem da argumentação escrita. In: D. Coste et al. *O texto: Leitura e Escrita*. SP: Pontes, 1988.
- WARREN, B. *Aspects of referential metonymy*. In: PANTHER, K.-U; RADDEN, G. (Eds.). PI. 121-135, 1999.
- WEBER, S. H. *A Structured Connectionist Approach to Direct Inferences and Figurative Adjective-Noun Combinations*. Tech Report 289, CS Dept, Uni. Rochester, 1988.
- WEE, L. The cultural basis of metaphor revisited. *Pragmatics & Cognition*, Amsterdam, v. 14, n. 1, p. 111-128, 2006.
- WHALEN, J.M.; PEXMAN, P.M.; GILL, A.J. "Should be fun-not" Incidence and marking of nonliteral language in e-mail. *Journal of Language and Social Psychology* 28, p.263-280, 2009.
- WHITE, P. R. R. Beyond modality and hedging: A dialogue of the language of intersubjective stance. *Text* 23.2, 2003.
- _____. *Telling Media Tales: The News Story as Rhetoric*. PhD. Thesis, Sidney: University of Sidney, 1998.
- WINTER, E.O. *Replacement as a function of repetition*: a study of some of its principal features in the clause relations of contemporary English. Tese de doutorado, Universidade de Londres, 1974.

_____. Telling Media Tales: the News Story As Rhetoric. Unpublished PH.D Dissertation, University of Sidney, Sidney, 1998. Acesso em http://www.grammatics.com/appraisal/whiteprr_phd.html. Acesso em 20.11.2014.